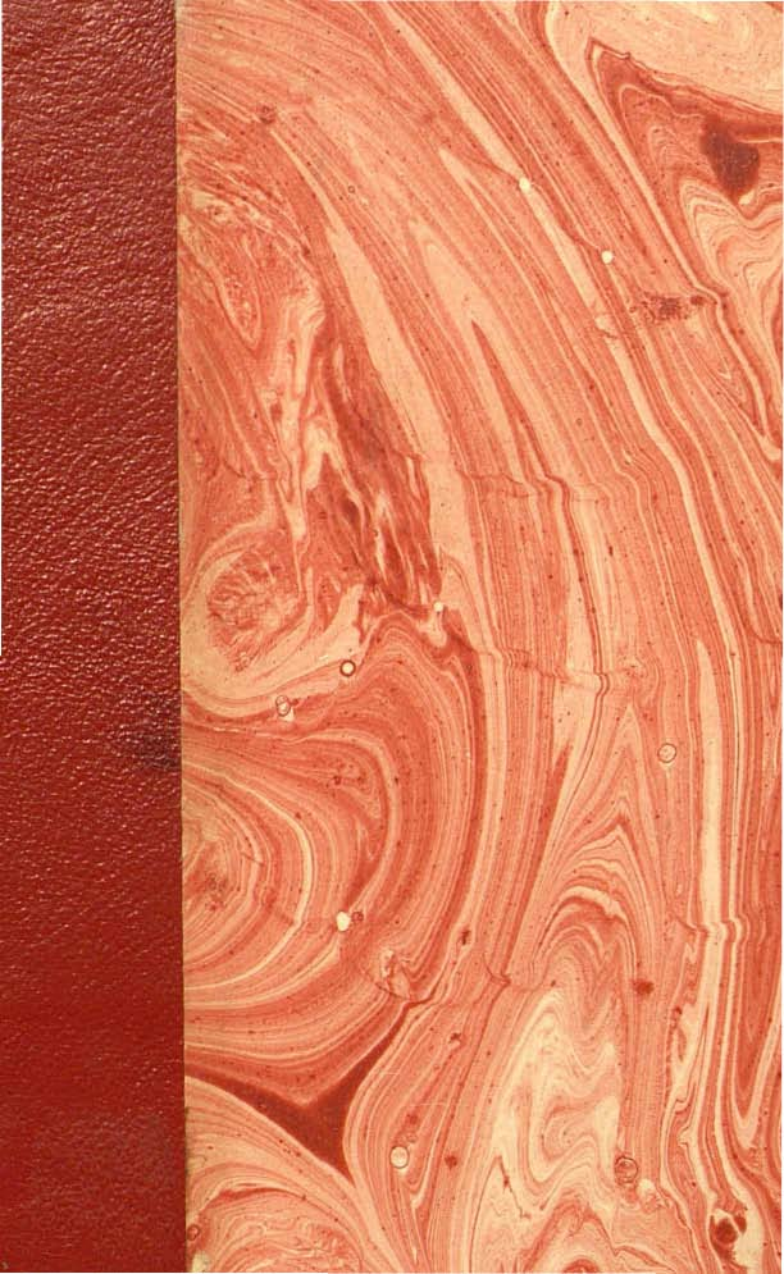
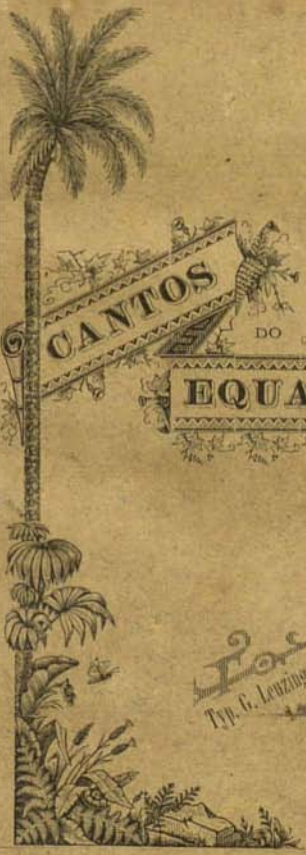


MELLO MORAES FILHO



# CANTOS DO EQUADOR

Typ. G. Leuzinger & Filhos, Ouvidor 31

RIO DE JANEIRO

1881

# CANTOS DO EQUADOR

MELLO MORAES FILHO

# CANTOS DO EQUADOR

SERTÕES E FLORESTAS
NOCTURNOS E PHANTASIAS
POEMAS DA ESCRAVIDÃO

RIO DE JANEIRO
TYP. DE G. LEUZINGER & FILHOS, OUVIDOR 31
1881

A
13869.1
M827
c
1881

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL
Este volume acha-se registrado
sob número 1014
do ano de 1974

# SERTÕES E FLORESTAS

BIBLIOTECA
SENADO FEDERAL

# CANTOS DO EQUADOR

## Ponte de lianas

A FRANKLIN TAVORA

Eis a floresta, o valle, o ermo agreste,
Em que as aves do céu passam cantando;
O rio que de estrellas se reveste
Á limpidez da noite murmurando;
A balsa plena d'esse odor celeste,
Qual incenso que a Deus sobe voando;
Em que nas séstas, ao páo-d'arco louro,
Canta a cigarra d'esmeralda e ouro.

Além se eleva, á fonte debruçada,
A triste piassaba em seu deserto,
Como a viuva á terra abençoada,
Á terra santa de um sepulchro aberto.
Talvez, ó sim! — quem sabe? — a malfadada
Pergunte ao echo pelo ar desperto:
— Que é da tribu que vinha aqui, responde!
E o echo repercute: aonde... aonde...

Eterna solidão pende nos braços
Do silencio do ermo e da campina,
Ebria de orvalho e brizas dos espaços,
Dobra a corolla a flor adamantina;
E do vargedo aos humidos regaços,
Ao capinzal tostado que se inclina,
Junto d'um lago que desfaz-se em risos
Se escuta a cascavel soar seus guizos.

Aos grossos arvoredos seculares
Enroscam-se as lianas rescendentes;
Umas, lá trepam, vão topar com os ares,
Cahindo em chuva dos ramaes pendentes;
Outras, descendo a rocha, a novos lares
Os tectos verdes forram, quaes serpentes;
Enreda a sicopira, alastra a fresta,
O polvo das lianas da floresta.

Tomando de um cipó que desamarra,
Se atira n'agua a india forasteira,
E á outra banda do riacho amarra
A corda ao tronco que lhe fica á beira;
E suspensa á liana em que se agarra,
Levando a ponta a que ficou fronteira,
Enlaça, e tem por premio a seus labores
Caminhar n'uma ponte aberta em flores.

Suave curva aerea e caprichosa,
Ella descreve aos lyricos festejos;
Paira-lhe n'agua a sombra perfumosa
Que os vagalumes crivam de lampejos.
E sob um céu azul, ether de rosa,
Da natureza aos barbaros harpejos,
Passa o caboclo tardo e sem conforto
Á taba conduzindo o tapir morto.

## A sucuruiuba

Pela floresta antiga, ás margens do Amazonas,
Ao indio altivo encanta o turbilhão do rio;
Meneia o jacaré a negra cauda á tona
Do pantanal lodoso e borbulhante e frio.

Na clareira fendida em zig-zag a luz
Entra, as azas dourando aos colibris nas flores;
O reptil se arrasta em solidão sonora,
N'esse oceano immenso e rude de verdores.

Da carnaúba a palma, que orvalha a rosea aurora,
É aspera e rugosa aos ninhos do deserto...
Si assoma o gavião, as mães os passarinhos
Protegem sob as azas, erguendo o bico aberto.

Ao lado, as capoeiras, eternas, densas, bravas;
A onça que se estira ás serras mais remotas;
E o echo atroador a penetrar bramindo,
Qual genio da revolta, em solitarias grotas.

O' fontes de liana, ó resguardado abrigo,
Cestas de lisa prata e flores tropicaes!
Pendente dos cipós o sabiá mergulha
O collo em vossas aguas a desfiar crystaes!

Sois bellas! É assim a natureza inteira,
O louco delirar da America febril!
Os lagos,—o thurib'lo que a liberdade acende,
Que fumam toda a noite como as manhãs de abril!

E vai no occaso o sol. Da grenha das florestas
Pendura-se o silencio á terra inda arquejante;
E as montanhas,—éguas de feiticeiras negras,
Estendem-se açoutadas da viração errante.

Não mais a ave canta, a corça não mais erra,
Busca o tapir a cava de secular nogueira;
Apenas o selvagem, acocorado e rubro,
É como rubra estatua em frente da fogueira!

Pelas pastagens uberas os ruminantes touros,
Deitados sobre a grama, monotonos, discretos,
Revezam morno olhar aos pyrilampos lucidos,
A enchotar com a cauda a turma dos insectos.

Mas, um alonga a pata, escora o peito e ergue-se...
A narina incendida aspira os quentes ares;
E muge... e tardo e lento do rio immenso as margens
Demanda, e desparece ao longo dos palmares.

Porém, d'entre um paul, qual massahyba enorme,
Que o lenhador possante a custo só derruba,
Um vulto de serpente a se enroscar nos ares,
Roncando firma o bote, — feroz sucuruiuba!

Ao boi se lança e colhe-o; e ao estalar dos ossos,
Que quebram-se a ranger na funda selva escura,
Com a lingua que tremúla, afaga o pello fulvo,
Ao visco que lh'escorre da maxilla impura.

De trago em trago o sorve! E hibernal á sombra
Da arvore vetusta em que cheia adormece,
Do boi que resta? Apenas, como um alfange, as pontas
Em semi-circ'lo á bocca, ao dia que amanhece!...

## No pouso

— Venho da serra; ao grito da araponga
Deixei alegre o rancho dos tropeiros;
Nem siquer prolongavam doces cantos
As graúnas no tôpo dos coqueiros.

As brizas suspiravam manso e manso,
Franjando brandas o crystal do rio;
As sericorias s'encolhiam tremulas
Das nevoas matinaes a um beijo frio.

Era tudo esplendor; junto ás cabanas,
Entornavam perfume as granadilhas;
As guabirobas sacudiam flores,
Correndo as viraçõe nas longas trilhas.

Porém, patricios, meu peito
Era uma veiga sem flor;
Um lyrio sem ter orvalhos,
Aurora sem ter fulgor.
Minha serrana indolente,
Como as auras do sertão,
Chora de mim tão distante,
Filha do meu coração!

Tenho saudades, patricios,
D'esse meu anjo do lar;
Mas a tarde vem tão longe,
Eu venho aqui sestear.
N'esta viola que as maguas
Sabe tristonha carpir,
Quero tocar meu fandango,
Quero a *tyranna* ferir.

Tóca, tóca na viola,
Corram versos á porfia;
Sapateia, minha gente,
Q'eu parto ao romper do dia.
Minha trigueira, si dormes,
Como a coirana ao luar,
Não te despertem do somno
As trovas do meu trovar.

De lá das bandas do valle
Sôa a canção do vaqueiro;
Passa a briza, leva os sonhos,
Leva os cantos do tropeiro.

Leva os cantos do tropeiro,
Leva o perfume das flores;
Todos têm sorrisos n'alma,
Todos têm os seus amores.

Todos têm os seus amores,
Todos têm su'affeição;
Como a tarde que descora
'Stá triste o meu coração.

'Stá triste o meu coração,
Loira flor da sapucaia;
Junto d'haste ella tem vida,
Sôlta ao vento ella desmaia.

Sôlta ao vento ella desmaia
Como a bonina da serra,
Vou deixar-vos, meus patricios,
Vou viver na minha terra.

Vou viver na minha terra,
Que fica n'outro sertão;
Minha serrana me espera,
Não posso cantar mais, não. »

A densa nuvem de tucanos bravos
Segue as bandas oppostas á collina;
Pende o calix a flor aos lumes vivos
Q'entorna a grande estrella peregrina.

Do taquaral distante, da palmeira,
Ouviu-se ao longe um threno de magia:
Era o canto suave e dolorido
Da *viuvinha* ao desmaiar do dia.

Morria a tarde; o sol já descambava
Quebrando os raios na extensão dos mares,
E Deus co'a dextra omnipotente, augusta,
Erguia a lua n'amplidão dos ares.

# As Uyáras

LENDA

Travesso menino,
do fundo das aguas
Que em flocos se ameigam dos juncos ao pé,
A's vezes se escuta na queixa do rio
Um canto macio,
De quem... não se vê.

O canto se estende; mais doce que as moitas
Que dormem silentes ás nuvens do céu.
Si acaso o barqueiro que vai na jangada
Lhe escuta a toada,
Meu Deus, se perdeu!

Travesso menino,
não sabes ainda?
Ali as Uyáras se occultam reveis...
São ellas as moças que vivem cantando,
Crianças roubando;
São moças crueis!

São alvas, mais alvas que as plumas de neve;
Mais loiras que as folhas crestadas... são bellas!
Si alguem as descobre na molle corrente,
Lá some-se a gente,
Lá somem-se ellas!

Nas noites de lua resvalam fugaces,
Quaes nevoas doiradas — nas aguas azues...
E ao collo suspenso nas ondas bem mansas,
Enroscam-se as tranças,
Quaes serpes de luz.

E ellas entoam cantigas tão meigas
Que o echo dos valles acorda veloz;
Mas foge, menino, de ouvires das fadas
Gentis, encantadas,
Um hymno, uma voz.

— Eu tenho aqui mil palacios
Todos feitos de coraes;
Seus tectos são mais formosos,
Que a coma dos palmeiraes.
Infante que vais no monte,
Deixa o teu pouso d'alem,
Eu sei historias bonitas...
Vem!

Quando nas conchas de espumas
Sigo á tôa até o mar,
As princezas que morreram
Descem na luz do luar.
Jangadeiro que murmuras,
Eu sou princeza tambem,
O rio está na vasante...
Vem!

Minhas escravas são virgens
Loucas, esveltas, morenas;
Tem mais ternura seus olhos
Que orvalhos as açucenas.
Jangadeiro, a noite é fria,
Tem máu assombro o sertão,
Minhas escravas são lindas...
São!

Tenho collares de per'las,
Harpas d'ouro em que descanto;
Governo a luz das estrellas,
Pára o luar ao meu canto.
Infante, a choça é deserta,
Ninguem te espera lá, não;
Minhas historias são bellas...
São! »

E assim ellas levam ás grutas sombrias,
Ás grutas medonhas dos rios, do mar,
Aquelles que ouviram seus cantos á noite,
Distantes do fogo querido do lar.

Ouviste, menino? Não corras do rancho,
Que ali as Uyáras se occultam reveis;
São ellas as moças que vivem cantando,
Crianças roubando;
São moças crueis!

## Boas-noites

As boas-noites da varzea
São filhas da luz, — de Deus
Flores silvestres nascidas
Á livre aragem dos céus!
Quando Maria, criança,
Tinha na sorte matizes,
As boas-noites amava...
Eram-lhe as noites felizes!...

Boas noites! lindas noites
Foram-lhe aquellas de então!
No seio infante a innocencia,
Luz, perfumes no sertão.

Porém, Maria cresceu,
E do mundo no festim
Não mais achou boas-noites...
As noites de seu jardim!

Ai! não te lembras, Maria,
Quando no rio da aldeia
Suppunhas vulto de fada
Os raios da lua cheia?
Eras sorriso, esperança,
Eras affecto, — eu, carinhos;
Perdeste as azas, cahiste,
Sangra-te o pé nos espinhos.

E eu, proscripto, estrangeiro
N'este paiz de tristeza,
Te vejo fria de vicios
No luto da natureza!
Choremos, sim, tantos sonhos
Que cedo se esvaeceram;
Com as boas-noites da varzea
As nossas noites morreram.

## Bem-te-vi

A sombra frondosa d'enorme mangueira,
Coberta de flores, da tarde ao cahir,
A virgem dos campos morena, garbosa,
Contava ao amante meiguices a rir.

O céu era bello; na beira da estrada
Cantava o *encontro* nas moitas de ypé;
E os olhos da virgem tornaram-se languidos,
E os labios mais rubros que o rubro café.

E qual uma flecha que envia o selvagem,
Um'ave n'um ramo, n'um galho pousou.
E o joven dizia palavras mais ternas,
E a virgem mais ternas venturas sonhou.

— Si deres-me um beijo, trigueira, em minh'alma
Terás sempre affecto, delirio, paixão;
No pouso, uma rede de pennas bem feita,
Na minha viola, saudosa canção. »

Depois d'esse beijo, talvez que o primeiro,
Não sei que mysterio passara-se ali;
Cobrira a donzella, vexada, o semblante,
E a ave, voando, gritou: — Bem-te-vi!

# A Caipora

LENDA

É caboclinho feio,
Alta noite na matta a assoviar;
Quando alguem o encontra nas estradas
Saltando encruzilhadas,
Se põe a esconjurar!

É alma de um tapuyo
Fazendo diabruras no sertão...
Cavalgando o *queixada* mais bravio,
Transpõe valles e rio
Com um cachimbo na mão!

Assombro das manadas,
Enreda a onça em matos de cipó;
De montanha em montanha vai pulando,
Vai quasi que voando,
Suspenso n'um pé só!

Ao pobre viandante
Assombra e ataca em meio do caminho;
E pede fumo e fogo, e sem demora
Lhe mostra a Caipora
Seu negro cachimbinho.

Servido no que pede,
Á contas justas, safa-se a correr...
Do contrario, si fica descontente,
De cocegas a gente
Faz rir até morrer.

É caboclinho feio,
Alta noite na matta a assoviar;
No norte, diz o povo convencido:
— Não indo prevenido
Não é bom viajar!

# Tarde tropical

É a hora do dia em que das mattas
Desce a sombra da basta gamelleira,
E saltando das lapas as cascatas
Espadanam das aguas a poeira...
Em que a onça lambendo as ruivas patas,
Rente o peito com o chão da cordilheira,
Encurva o dorso e cerra, ao abandono,
Os olhos d'ouro, de fadiga e somno...

Em que o indio perdido na savana
Conta a Tupan seus barbaros segredos...
E a tarde, bella moça americana,
Côa a luz do crepusc'lo em bronzeos dedos!
Em que as flores vermelhas da liana,
Da ponte de cipós dos arvoredos,
Cahindo ao sopro da macia aragem
S'estendem sob as redes do selvagem!...

Hora de amor, de prece, hora de encanto!
Tu murmuras nos rios transparentes;
E tens por voz da guaraponga o canto
E o ronco das giboias nas vertentes!...
Quando tinges no occaso o claro manto
E além descambas d'esses céus ardentes,
Mão de mysterio por velar-te a urna
Ergue no espaço a lampada nocturna!

É já quasi ao sol posto, quando a terra
Trescala de selvatica harmonia...
Que á cascavel que dorme pela serra
Espanta o silvo da cauan bravia!
E si ruge o jaguár que o fogo aterra,
Aceso á porta da cabana esguia,
Retumbam echos nos rochedos fundos,
— Titans rolando do Equador nos mundos!...

Os cactus em flôr pela clareira
S'illuminam de insectos scintillantes;
E a velha da tribu, a feiticeira,
Evoca os genios da floresta errantes!
E si os lumes sinistros da fogueira
Aos sortilegios lustram mais fumantes,
As corujas nos ares ululando
Á face do crescente vão voando!

Hora de amor, de adoração, de crença,
Ave-Maria! — Estrella dos palmares!
Tu mitigas do escravo a dôr intensa,
Á santa unção dos mysticos cantares!
Quando baixas do céu, a selva immensa
Manda esperar-te os largos nenuphares...
E o oceano, na vaga que fluctua,
Reflecte de teus pés a meia lua!

Nos braços do lethargo, á frouxa luz
Do sol que morre, — dorme a natureza!
E as rolas pelas moitas dos bambús
Arrulam doces cantos de tristeza!
E o caboclo que leva os filhos nús,
Do Amazonas á rija correnteza,
Penetrando a floresta, em mudo assombro,
A um tem pela mão, — traz outro ao hombro!...

Tardes de minha terra! ó prado! ó flôres!
Bosques cheios de sombra e de harmonias!
Valles e serras, magicos vapores,
Ninho das garças nas lagôas frias!
Vós recordais-me a trilha dos amores,
O colmo das deixadas phantasias,
Por onde essa illusão que a alma nos cança
Pendura as rêdes d'ouro da esperança!

Adeus, ó tarde, adeus! que os horizontes
Cobrem do dia morto o corpo algente...
Turva neblina róla pelos montes,
— Cinzas das azas d'esse sol poente!
Ave-Maria! Ao céu quando retornes,
Da natureza eterna ao hymno ardente,
Que a ti subam d'est'harpa os sons finaes
Aos enlevos das tardes tropicaes!

## Tumulo selvagem

Dorme a serrana o derradeiro somno
Entre os coqueiros do silente val,
Por onde ao pôr da tarde as aves cantam
Á fresca sombra do paiz natal.

Quando o vento soluça na campina,
Qual phantasma dos lúbricos amores,
Agitando as palmeiras susurrantes,
Lhe atira no sepulchro algumas flores.

Ella passou veloz, — phosphorea espuma
Ao coaxar dos remos da canôa;
— Garça atirada aos temporaes da morte
Sobre a algidez da livida lagoa.

Uma cruz... o silencio... á cabeceira
O alecrim cheiroso do sertão;
Depõe-lhe um ramo, se descobre e reza
Contricto caminheiro, uma oração.

É bom assim dormir; por templo — a selva
Que o genio do Senhor abriga, encerra...
Tem por cirio o luar, incenso as nuvens,
Nenias lhe canta o sabiá da serra.

E, debruçada á urna das montanhas,
Guarda a noite o selvagem mausoléu...
Por panno mortuario um véu de estrellas,
Camara ardente — a profundez do céu!

## Trovador do sertão

Tu vens, ó minha amante,
Por noites sem neblina,
Ao lume das estrellas
N'um véu de musselina,

Descendo da montanha
Com a perna e braços nús,
Por entre as verdes cannas
E as plumas dos bambús,

Mais bella do que os cantos
Das aves na espessura,
Que o ninho d'alva espuma,
Que a fonte que murmura.

O' minha amante, és bella,
Qual harmonia eolia;
Flecha de luz a prumo
Na flor da magnolia.

Ao fundo do horizonte
Destaca-se, divina,
A sua fórma — estatua
Do genio da campina.

Seus labios tão corados,
Gardenias são do pejo;
Seus seios — pombas mansas,
Seu sonho — o meu desejo.

A vida eu déra inteira
Por vel-a na cabana,
Ao fogo da fogueira,
Ao cheiro da coirana,

Carpindo a trova meiga
Que o peito meu consola,
Aos quêbros do fandango,
Aos sons d'esta viola.

O' minha amante, és bella,
Qual harmonia eolia;
Flecha de luz a prumo
Na flor da magnolia.

## O sangue do jaguar

A india americana em solidão bravia
Estaca ao pôr do sol, curvada de tristeza;
De cada rama um'ave soluça uma harmonia
Á virgem natureza.

O céu é côr de cobre; da noite as per'las finas
São quaes gottas de fogo em vastas serranias;
A treva abate os vôos do ar sobre as campinas,
Nas ermas penedias.

A india scisma e segue; nas emplumadas flechas
Reflectem-se os lampejos d'enrubecidos lumes;
Adejam-lhe as phalenas em torno das madeixas,
Em lucidos cardumes.

A anta agita as folhas na profundez das mattas;
Chocalha a cascavel nas silvas dos vargedos;
Enroscam-se as serpentes, ao fresco das cascatas,
A troncos de arvoredos!

O gentio alquebrado, o arco á terra inclina,
Na pedra lasca o fogo que atiça na fogueira,
A rêde que perfuma o odor da tamarina
Amarra na palmeira.

E dos robustos flancos da secular floresta,
Por onde os vagalumes, noctivagas abelhas,
Faiscam, repousando da scintillante festa
Nas boninas vermelhas,

A india ouve um rugido... e pára...e se arrepia...
Ao chão encosta a face, e em vira-volta audaz
Baqueia sobre o dorso, e os pés no arco enfia,
Que entesa mais e mais.

A flecha que dispara, transpondo a verde aresta
Rompe, descendo o espaço, a nuvem que esvoaça;
E o jaguar que se espoja, recebe de uma fresta
A morte que o traspassa!

O céu que reverbera as flammas do occidente,
O sangue que a ferida golfeja, entorna, espalha,
Transforma em labareda, n'uma lagôa ardente,
— Fantastica fornalha!...

## A tabarôa

Eu gosto bem d'esta aldeia,
Que vai mirar-se n'areia
Que o mar estende no chão;
Da serra os feios negrumes,
Se ás tontas mil vagalumes
Faiscam pelo sertão.

É doce a queda da fonte,
Á cujos prantos no monte
Revive a malva-maçã.
É bem suave o canario
Com seu cantar solitario,
Quando desperta a manhã.

Que bello é ver-se nas matas
Rolando duas cascatas
Té se abraçarem no val,
Bem como duas serpentes,
Argenteas, bravas, frementes,
Fugindo do temporal !

Eu amo as lôas singelas
Das trigueirinhas tão bellas
Junto á fogueira a carpir;
Essas dansas no terreiro,
Ao arrufar do pandeiro
Nas horas do despedir.

Nas veigas cheias de flores
Pode sonhar-se os amores,
Que aqui sómente é que os ha.
Eu corro a ver, á tardinha,
Si a borboleta se aninha
Na flor do maracujá.

Ai! quanta, quanta alegria,
Quando eu parto em romaria,
Co' as flores da tucuman!
Com minhas saias bonitas,
As tranças presas nas fitas
Da côr da maracanã!

Quem sabe, rompendo o fado,
N'um requebrado engraçado,
Mais engraçado tremer?
O sertanejo na estrada
Geme canção magoada,
Sempre amor a me dizer.

O rancho que segue á tôa
Só pensa na tabarôa,
Na tabarôa trigueira;
Na minha aldeia, á cabana,
Não conheço soberana
N'essas dansas por ficira.

# A sereia do Jaburú

LENDA

Á pôpa de um baixel, da tarde aos lumes tremulos,
André, o pescador, ao longe apparecia;
Fitando o horisonte, ao som d'agua dormente,
Vibrava um terno canto, um canto de magia.

Por cima, o firmamento; em roda, os montes invios,
— Estatuas que ao silencio erguera o Deus eterno;
Além, do Jaburú a praia alvinitente,
Qual nuvem que distende o perpassar do inverno.

E vai a barca, e vai, frisando as ondas tumidas,
Qual cysne que de um lago á flor se deslisou;
E o lindo pescador dá novo impulso ao remo,
Dirige á ponte o leme, e vai... emfim chegou.

Celeste harmonia, partida da prôa,
S'entorna e resôa
Nos bosques, nas serras, nas ondas do mar;
Dissereis ouvindo taes nótas maguadas,
Mil virgens libradas
Em nuvens douradas,
Contando aos anjinhos seu doce scismar.

Das toscas cabanas deixando os amores,
Gentis pescadores
Lá correm, ouvindo tão grato rumor;
E chegam arfando talvez de cansaço,
Estendem o braço,
Encolhem o laço
Das rêdes, que puxam com ancia e vigor.

Depois, inda esperam; descansam na areia,
Que fulge e branqueia
Á praia fragosa que luta com o mar;

E logo começam o cabo esticando,
A barca encostando,
E nella saltando
Murmuram cantigas de meigo trovar.

— Sejas bemvindo, si trazes
Boa pesca, pescador!
Estende as rêdes na praia
Que não tarda o sol se pôr.
Mas, por S. Pedro, que peso!
Quem é feliz como tu?
Quem sabe si não pescaste
As penhas do Jaburú?

Assim: trabalha, trabalha,
Que Deus nos ha-de ajudar!
Já temos hoje um thesouro
N'esta pesca d'espantar.
Saltemos! vamos á terra,
Que ha muito o sol se escondeu,
Vejamos qual foi o peixe
Que nossa rêde colheu.

O' Virgem dos Navegantes!
É bom mero, já se vê;
Pois aqui, n'estas alturas,

Outro peixe não se crê.
Desdemos os nós das malhas
Qu'inda parece bulir,
Vamos miral-o á vontade
Que não nos póde fugir. »

Mas n'isso que cortam as duras laçadas,
A rêde entreabrindo na limpida areia,
Desperta, sorrindo, mulher encantada,
De cauda golfinea — formosa sereia!

E tinha os cabellos e os olhos tão verdes,
Da côr da campina tranquilla, orvalhada;
Vencendo o espanto dos velhos barqueiros
Modula uma prece de amor inspirada.

Que cantos sublimes! Que threnos divinos
Não levam-lhe as auras beijando as madeixas!...
As harpas cadentes dos ermos saudosos
Não têm mais encantos, mais puras endeichas.

Na alvura do peito, tremendo medrosa,
As graças despidas na coma velou...
E logo começa canções mais suaves
E geme, soluça, suspira... e calou!

Então! diz um delles: « Levemol-a, amigos,
A barca que a trouxe que a torne a levar.
André, carreguemos a linda sereia,
E vai, onde a viste, depressa deixar.

Senão é sabido que morre o amante,
Que ouviu suas queixas de grave sentir;
Á riba! que o tempo nos foge inclemente,
Coragem! coragem! porque succumbir?

Que esperas? Não achas que sopram brandinhas
Aragens furtivas á calma dos céus?
A hora é propicia; sem alvas neblinas,
As vélas te enfunem galernos. — Adeus! »

Ao deslisar dos prantos,
Das aguas na corrente,
Um véu espesso e algente
Correra aos olhos seus.
Pendido como as vergas
Ás lufas dos pampeiros,
Exclama aos companheiros:
— Adeus! adeus! adeus!

E partiu; foi em suspiros,
Soffrendo agonia atroz,
Levar a pesca maldicta
Da barca ao singrar veloz.
Si voltou, não o soube alguem;
Dizem só, que mais além
Do Jaburú, no alto mar,
Ouvem-se á noite harmonias
Casadas ás melodias
D'almo e formoso luar!

## A mulata

Eu sou mulata vaidosa,
Linda, faceira, mimosa,
Quaes muitas brancas não são.
Tenho requebros mais bellos;
Si a noite são meus cabellos,
O dia é meu coração.

Sob a camisa bordada,
Fina, tão alva, arrendada,
Treme-me o seio moreno:
É como o jambo cheiroso,
Que pende ao galho frondoso
Coberto pelo sereno!

Nos bicos da chinellinha,
Quem vôa mais levesinha,
Mais levesinha do que eu?...
Eu sou mulata tafula;
No samba, rompendo a chula,
Jámais ninguem me venceu.

Ao afinar da viola,
Quando estalo a castanhola,
Ferve a dansa e o desafio;
Peneiro n'um molle anceio,
Vou mansa n'um bambaleio,
Qual vai a garça no rio.

Aos moços todos esquiva,
Sendo de todos captiva,
Demoro os olhares meus:
« Que tentação... que maldicta...
Bravo, mulata bonita! »
— Adeus, meu yôyô, adeus...

Minhas yáyás da janella
Me atiram cada olhadella...
*Ai! dá-se?* mortas assim!

E eu sigo mais orgulhosa,
Como si a cara raivosa
Não fosse feita p'ra mim.

Na fronte, ainda que baça,
Me assenta o troço de cassa
Melhor que c'rôa gentil;
E eu posso dizer ufana
Que, qual mulata bahiana,
Outra não ha no Brazil.

Nos meus pulsos delicados
Trago coraes engrazados,
Contas d'ouro e coralinas;
Prendo meu panno á cintura,
Que mais realça á brancura
Das saias de rendas finas.

Si tenho um desejo agora,
De meus affectos senhora,
Sei encontral-o no amor.
— Ai! mulata! ai! borboleta!
É tua sina inquieta,
Tu pousas de flor em flor.

Meus brincos de pedraria
Tombam, fazendo harmonia
Com meu cordão reluzente;
Na correntinha de prata
Tem sempre e sempre a mulata
Figuinhas de boa gente.

Eu gosto bem d'esta vida,
Que assim se passa esquecida
De tudo que é triste e vão!
Um *dito* bem requebrado,
Um mimo, um riso, um agrado,
Captivam meu coração.

Nos presepes da Lapinha
Só a mulata é rainha,
Meiga a mostrar-se de novo;
Da sua face ao encanto
Vai-se o fervor pelo santo,
Pr'a o santo não olha o povo!

Minha existencia é de flores,
De sonhos, de luz, de amores,
Alegre como um festim!

Escrava, na terra um dono,
Outro no céu sobre um throno,
Que é meu Senhor do Bomfim.

Na fronte, ainda que baça,
Me assenta o troço de cassa,
Melhor que c'rôa gentil;
E eu posso dizer ufana
Que, qual mulata bahiana,
Outra não ha no Brazil.

# Alma penada

LENDA

— Dizem, vóvó, que á noitinha,
Além, suspenso no ar,
Vê-se um medonho phantasma
Que faz a gente espantar... ?
E, quando algum viandante
Pernouta n'esse caminho,
Elle pede um Padre-Nosso
Ao seu ouvido, baixinho... ?

— Credo em cruz! Ave-Maria!
Ai! meu Deus, que tentação!
Não falles, minha netinha,
Não falles tão alto, não.
Aquella sombra terrivel,
N'esses sertões a chorar,
E' uma alma penada
Longe dos céus a vagar.

Não falles, que tenho medo,
Do que sei, te referir;
Já tenho passado noutes
Sem mesmo poder dormir.
Porém, si queres que conte
A sua historia, netinha,
Rezemos, rezemos ambas
A nossa Salve-Rainha!

« Ha dez annos que morreu,
(Foi o cura quem contou,)
Um homem tão renegado,
Que nunca se confessou.
Era o maldito opulento
Tão cheio de presumpção,
Que recusou uns bentinhos
Da Virgem da Conceição.

« Só queria nos domingos
Aos cercados conversar,
E quando o cura passava
Não ia-lhe as mãos beijar.
Porém afinal morrendo,
Como morre uma preguiça,
Não deixou quatro patacas
Para dizer-se uma missa.

BIBLIOTECA SENADO FEDERAL

« Quando aquelle excommungado
Á sepultura baixou,
Chovia tanto, que a chuva
Toda a cidade innundou.
E parecia que o demo,
Nas azas dos furacões,
Era quem vibrava os raios,
Quem açulava os trovões. »

— Diga, vóvó, que fazermos
Para apagar-lhe o delicto?
— « Netinha, quatro rosarios
Rezar depois de um Bemdito.
Mas não só isso; o bom cura
Com pena do tal demonio,
Pede esmolas de dez missas
Aos servos de Santo Antonio. »

— Vóvó, depois o phantasma
Não volta perdido, não?
« — Menina, o padre assegura
Que póde inda ter perdão. »
— Então, vóvó, meus pintinhos
Eu vou á praça vender.
« — Vai, que os rosarios não bastam
Pr'a tanto ao céu merecer.

Adeus! adeus! vai na guarda
Da cruz de Nosso Senhor,
Que eu vou p'ra meu oratorio
Cantar com todo o fervor.
*Gallo preto!* si a capella
Não fosse perto d'aqui,
Eu não deixára que um passo
Se désse agora por ti.

Juro que amanhã tres missas
Hei de ouvir com devoção,
E dar o dinheiro ao cura,
Tudo por tua intenção.
Mas emquanto vai á feira
E volta minha netinha,
Pelo signal... Credo em cruz...
Bemdito... Salve—Rainha! »

## Floresta submergida

São como sombras medrosas,
Turvas, densas, forasteiras,
Os arbustos verdejantes
E as retorcidas palmeiras,
Que na movel superficie,
Quaes phantasmas penitentes,
Em grupos surgem, rezando,
De pé nas aguas dormentes.

Que nova scena desdobra-se
Pela extensão infinita!
Suppõe-se que occulta fada
N'essas paragens habita!
Que de um throno de prestigios,
Sobre a enchente que se esvai,
Mira a floresta que desce
D'outra que ás plantas lhe sai!

São as lagôas formadas
Ás enchurradas de abril,
Polido espelho das selvas,
Das solidões do Brazil.
Musgosos troncos, robustos,
Aos temporaes, nos espaços,
São sacerdotes que á pia
Os sec'los levam nos braços.

Nas profundas alamedas
D'essas mattas espaçosas,
Vão-se as aguas enrolando,
Quaes giboias preguiçosas.
E em noites calmas, amenas,
Ao branco archote da lua,
Voga o indio na piroga,
O pescador na falúa.

No ar volteiam, pescando,
O laço feito de corda,
E o jacaré que bordeja
Prendido no laço acorda...
E arrojados nas ondas
Os ageis caboclos nús
Mergulham no váo cavado
Atraz dos pirarucús.

# No céu e na terra

A S. A. O PRINCIPE D. PEDRO

## I

Craneo de fogo — o sol — n'arcada côr de bronze
Das nuvens do poente, a morredoura chamma
Phantastico tremúla: assim d'um templo gothico
D'eterno candieiro a avermelhada flamma.

O céu, o ermo, a terra e a floresta, os bosques,
—Lanterna em mãos de sec'lo, em luz infinda alaga;
E, quasi a se apagar, lampejos fulgurantes
Despede e se retráe, qual vaga após a vaga.

Qual beduino grupo, as encelladas rochas
Da cordilheira excelsa, em lugubre attitude,
Esperam que o sol morra, e os seios de granito
Lhe abrem, se afastando, ao peso do ataúde.

Um pallio erguido ao céu de franjas de azinhavre
Avista-se encostado ao horizonte escuro;
Convivas do trespasso, as vagarosas ilhas
Desdobram sobre a fronte o ethereo azul mais puro.

De Siva é um pagode a natureza augusta;
Furnas de treva e opála os mundos do arrebol;
E, afulvando a espadua ás gigantescas sombras,
Como o Christo a morrer—vai descambando o sol...

II

Nas penumbras transparentes
Triste, triste e sem conforto,
Na rêde a cabocla brava
Embala o filhinho morto.

E cái-lhe o pranto na face
Listrada, bronzea, trigueira;
Do mar de angustias profundo
É elle a per'la primeira.

Os insectos mordedores
Com a verde rama afugenta;
As flores do valle espiam
A noite que desce lenta.

E canta um canto selvagem,
Canto pungente, infeliz,
Na crença de suas crenças,
Na lingua de seu paiz.

— « O guanumby que vôa e que revôa
Nas flores do anajá,
Não veiu aqui pousar, — e por trez vezes
O sol já veiu, já!

O guanumby... que chupa a alma do infante
Que o corpo sem calor
Deixou, e foi dormir entre os perfumes
Na mais visinha flor.

O' brizas, que passais n'essas montanhas,
Na montanha parai;
Emquanto eu vélo, ó échos d'essas terras,
Passai longe, passai!

Ao filho do guerreiro um genio alado
Colheu no seu caminho;
Assim do gavião na garra acorda
Da selva o passarinho.

Raios do sol, luares côr das aguas
Que ás aguas scintillaes,
A leve tumba de doiradas plumas
Que teceram seus paes,

Vinde encantar — suspensa aos arvoredos
Onde a ave seduz,
Tornando as pennas de tranquillo berço
Em grinalda de luz.

O guanumby que vôa e que revôa
Nas flores do anajá,
Virá chupar-lhe a alma antes da noite
E leval-a á Tupá! »

## III

Longo caixão de chumbo as vacillantes brumas
Das serras no cabeço, enchendo o espaço informe,
Depõem, ao psalmo funebre do oceano esplendido,
Que escorre, se arrastando, a espumea crina enorme.
.....

O' magica belleza! ó meus maternos climas!
Nautas–os montes nús–alçando o esquife aos ares,
Como o finado a bordo, aos fogaréos do occaso
Dão por sepulchro ao sol o penetral dos mares!

# NOCTURNOS E PHANTASIAS

# As horas

AO BARÃO DE ARINOS

Erguendo n'amplidão os tectos solitarios,
As torres d'alva igreja, os altos campanarios,
Herdades são, solar d'irmãs mysteriosas:
P'ra uma que é feliz, ha muitas desditosas...
Moças, — a bella, a feia, — em riso, em agonia,
A vida despertando á luz do mesmo dia,
Ante os umbraes do tempo em fila se postavam,
Medindo o gyro á terra e aos sec'los que passavam.
Princezas do mysterio, a sua voz vibrante
É rija martellada ás grades do quadrante,
Prisão que se rebenta, — e atiram-se dos ares,
Como a vaga a bramir pelos desertos mares!
Em mystica harmonia, as horas, em lamentos,
Das velhas torres cáem, batidas pelos ventos,
E o rumo vão seguir que a sorte após lhes traça:
As horas do prazer e as horas da desgraça!

Quem és que ao pôr da tarde
Suspiras pelo monte,
E tens por diadema
A Vesper sobre a fronte?
E n'um sentir ignoto
Acendes os ardores
No seio da donzella,
Na estação das flores?

— Sou a virgem que prende o céu á terra,
A hora dos amores!

E tu, que do relampago
A luz tens peregrina,
Na aza refulgente,
Na pálpebra divina;
Que vens pelo silencio,
Dos páramos profundos,
Mostrar aos sonhadores
Desconhecidos mundos?

Que clamas ao poeta:
« Não vês o mar? É a sorte!
Mergulhadores somos,
Sobrenadar á morte?!... »

Quem és, princeza magica
Dos paços d'amplidão,
Que habitas no poema,
Que vives na canção?...

— Sou a noiva do sol, — a hora augusta
Da santa inspiração!

Além vejo nos ermos
Louca mulher, sombria,
Vai desmaiada e pallida,
Sem riso á bocca fria.
Somnambula errante e lucida,
Por sobre escuro fado,
Nos crepes do presente
Envolve o seu passado.

Quem és, ó melancolica
Visão d'alma bemdita?
A companheira placida
De uma existencia afflicta,
Que lacrimosa encontras
Na densa escuridade
O corpo sem sepulchro
Da ardente mocidade?!...

— Eu sou o écho da ventura extincta,
A hora da saudade!

E foram-se horas taes! De tenebras paragens,
Bem como n'um abysmo os passaros selvagens
Abatem-se a librar nos vôos somnolentos,
Outras das torres vem,—as horas dos lamentos!
Pesadas como a lousa, e lentas, infernaes,
São sempre as do infortunio, irmãs sempre fataes!
Passai! passai, que a noite é fria, horrenda, escura...
Passai! bem vos conheço, ó horas de amargura!...

Contorna braço livido,
Contrahe livida mão
De um vulto os ferros lugubres
De tétrica prisão;
E scisma... a alma lhe foge...
Lá vai... lá vai perdida!
Ai! pomba da esperança,
Onde pousar na vida?!

Quem és, que te apavoras
Das maldições dementes?
Lançou-te a patria escrava
Ao pulso essas correntes?

Da liberdade morta,
Daqui, do teu encerro,
Assistes, já sem prantos,
Passar o longo enterro?

— Eu sou a esposa de Gonzaga e Dante,
A hora do desterro!

Na cella um catre, e rigido
Um corpo sobre um leito;
Um Christo de metal
Descança-lhe no peito;
As monjas se ajoelham
Em piedoso afan,
E rezam: — Deste mundo
Tu sahes, alma christan...

Depois... faz-se o silencio
Ás vozes compassivas,
E doze moças descem
Das torres ás ogivas.
A moribunda acercam:
O cirio extremo ardia...
Quem sois? As alvoradas
De um dia sem ter dia?

— Échos de Josaphat; pastoras funebres;
As horas da agonia!

De vestes puras, candidas,
Alvas, da côr dos lirios,
Ao céu sobe uma virgem
Isenta de martyrios.
E qual criança meiga,
Que fita a luz do sol,
Ella através das lagrimas
Saúda outro arrebol.

E terna, ao seio acolhe
Um anjo — os seus amores;
Despe da coma estrellas,
O chão veste de flores.
E vôa, e vôam juntos
Em férvido transporte!
Hosanna! — É o seu hymno
E santo, eterno e forte!

Gloria a Deus! Que esta virgem casta e fulgida
É a hora da morte!

## No divan

Estavas no divan; bella, formosa e pura
Como o anjo que vela o somno da ventura!
Deitada, qual estatua antiga e peregrina,
Com o roupão que envergavas de branca musselina,
Eras qual ideal que o inspirado avista,
Das noites mais ardentes a ficção do artista.
Como te adoro, ó filha das minhas phantasias!
Tu és a lyra d'ouro que ás minhas poesias
Dás novo alento e vida. Em minha solidão,
Tu vens entre os destroços, rompendo a escuridão
Co'a pyra incendida, erguendo a dextra aos ares,
A fronte consagrar-me ungida de pezares...

Estavas no divan; na mão tão pequenina
A face te pendia, qual lirio na campina,
Quando a tarde se embuça em treva delirante,
E como que pranteia o dia agonisante!

Que fórmas tão suaves! Que perna descuidosa!
Ah! como eu desfolhára jasmins, myrtos e rosa,
Si te visse sósinha, assim enlanguecida,
Nos deliquios de amor cerrando os labios bellos,
E o seio a naufragar-te ás ondas dos cabellos!...

Estavas no divan; não viste? Eu nem te olhava,
A flamma suffocando que intensa me abrasava...
De quando em quando apenas, minh'alma na loucura
Palpitava debaixo de véus de tanta alvura,
Qual scentelha que esconde os seus ardentes lumes
Na nuvem que se eleva de um vaso de perfumes.

# A barca do Dante

*Segando se ne va l'antica prora*
*Dell' acqua più che non suol con altrui.*
(INFERNO, C. VIII.)

A MACHADO DE ASSIS

Rasgando a vaga somnolenta, immunda,
As negras vagas da infernal lagôa,
Do Dante a barca no passar afunda
Rapido sulco de silente prôa!
E quasi extincta em solidão profunda
A luz da Torre se afastando vôa...
E ao som pesado das pesadas aguas,
Gritos e prantos — dolorosas maguas!...

Que estranho povo! Que funesta bruma
Levanta o rio do fervente leito!
Almas cobertas de um sendal de espuma
Com mãos e dentes lacerando o peito!...
Bem como á noite, quando a terra fuma,
Cruzam-se flammas n'um abraço estreito,
O condemnado que do abysmo sai
Se atira ao outro que rolando vai!

E o odôr infecto que a lagôa exhala
O circ'lo todo sem cessar percorre...
No espaço — a voz que o blasphemar não cala,
Á tona — o écho do blasphemar que morre!
Si a barca joga, si resvalando estala,
É sobre um corpo que boiando corre...
Virgilio e Dante, contemplando a noite,
Scismam dos remos ao sinistro açoite!

Em torno o olhar do florentino bardo,
Que desce á plaga dos fataes lamentos,
Se entorna, — e as ondas no marulho tardo
Se agitam, — corvos do soffrer sedentos!
E qual ao tronco vai trepando o cardo,
Qual na floresta o sibilar dos ventos,
Cresce um phantasma, que com a dextra aporta
Á negra barca da lagôa morta.

Nú, lamacento, descarnado, esqualido,
Diz ao poeta: — Tanto arrojo! tanto!
Antes que o dia já te fosse pallido
Desces ás trevas do sombrio espanto?!
Quem és? — « Apenas n'este golfo calido
Passo! Devora tua ira em pranto!
Vai-te, maldito! » É quanto o mestre amigo
Dá-lhe entre os braços paternal abrigo!

Qual oceano em tempestade intensa,
Sustendo ao hombro o turbilhão das vagas,
Almas occultas sob a Styge immensa
Erguem no dorso as dolorosas plagas;
Emquanto aquellas que na cima extensa,
Na raiva insana ao estorcer-se em pragas
Chusmam, — rebanho de uma raça impura,
Nas podres aguas da lagôa escura!

— Porém, ao longe, que cidade em brasa,
Rubra muralha meu olhar avista?...
Mestre, o peccado que a existencia abrasa
E' quem ainda mais horror conquista?...
Assim o raio que a floresta arrasa
Traça nos ares coruscante lista...
— « Filho, o incendio que ali vês informe
É de Plutão a capital enorme! »

E segue a barca; de candente muro,
Barra formando crepitante chamma,
Fulvo caminho, tremulante, impuro,
Abre o clarão que o funeral derrama.
Então Caronte, n'um rochedo escuro
Fincando o remo que a escorrer se inflamma,
Brada aos poetas, lhes mostrando a porta:
— Entrai, ó nautas da lagôa morta!...

# Saudação dos mortos

*Ao Centenario de Camões*

'Stava a equipagem prompta, o capitão a bordo:
Ao cáes um povo em pranto, ó sim! bem me recordo.
O seu destino, ó ceus, não tem côres brilhantes,
Vós o sabeis;—acaso um bando de emigrantes
Póde, deixando a patria, os risos, a familia,
Dizer: que bella estrada a que noss'alma trilha?!

'Stava a equipagem prompta; ao fundo acorrentada
A ancora a ranger,—e do navio á escada
Atracam botes já, pelos arpões grosseiros
Do bateleiro rude.

Os pobres passageiros
Ao corrimão de corda os passos vacillantes
Vão apoiando, vão: mulher, velhos, infantes,
Todos sem pão, sem lar, e prestes a partida
Acenam do convez o adeus da despedida.

E seguem mar em fóra... o mar tem seus arcanos;
Dos tres sec'los á lyra ouviu-se aos oceanos:

— Viajantes que passais
Em busca de novos lares,
Marinheiros que voltais,
Nautas d'este e d'outros mares,
Nós os mortos sem suffragios,
Sepultos pelos naufragios
Longe da terra e dos céus,
Deixamos nosso abandono,
Quebramos o eterno somno
Com que nos prendera Deus.

D'aqui, debaixo das aguas
De bonança e procellosas,
As nossas queixas são maguas
Sempre aos vivos descuidosas.
De tanta corrente ao erro

Tivemos o chão do enterro,
A onda que vai, nos leva...
E por funerario cantico
As tempestades do Atlantico
Á nossa cova de treva!

Sobre a lousa movediça
Temos por incenso as brumas,
E a vaga que a coma eriça
Traz-nos grinaldas d'espumas.
O santelmo é nosso cirio...
Mastros a cruz do martyrio
Ás nossas campas de pé...
Na vaga que o tempo cança
Sossobra a ancora da Esp'rança,
Ergue seu calix a Fé!

Nós — os tristes esquecidos,
Nós — destroços naufragados,
De nossos leitos batidos,
D'esses caixões agitados,
Surgimos lá do profundo
Esquife em que cabe um mundo,
Onde um hymno, um som chegou

D'esse vulto solitario
Que deu-nos gloria ao sudario,
Que nosso tum'lo cantou.

A negra crypta oceanica
Sem luzes, sem resplendores,
De Camões á voz titanica
Desceram luzes, fulgores...
São elles as ardentias,
Que soltas ás ventanias
Faiscam, fogem p'r'além...
Nautas que volveis aos lares,
Contai que os mortos nos mares
Saúdam Camões tambem!

# Os immortaes

*Ao Centenario de Camões*

## I

### BATEL PHANTASTICO

De louca phantasia a nebulosas plagas
O meu batel se arroja; e, desflorando as vagas,
Da branca vela atira ás alvacentas brumas
O phosphorente pó das nitidas espumas.

E as estrellas do céu, na profundez da noute,
Os raios flammejando em pavoroso acoute,
Eram punhaes de prata á dextra negra e fria
Da guarda que volteia o tumulo do dia!

Veleiro é meu batel; a trilha é quasi ignota...
Nem mais veloz no ar arrea-se a gaivota,
Buscando a ilha á flôr do oceano azul,
Aos fogos do poente, ao fresco vento sul.

Aonde, ó sonhos meus, me conduzis errante?!...
Quem sois?phantasma acaso?Eu creio em ti, ó Dante!
Pois bem: o mar é largo... os horizontes fundos;
Voemos, meu batel, ás plagas d'outros mundos!

## II

### O MAR DA MORTE

Que golfo estranho e livido!...
As aves agoureiras
Piam por sobre as ondas,
— Esqualidas caveiras!...
Campeia a lua funebre
Por traz dos montes tredos,
Pharol á morte erguido
Nos pincos dos rochedos!...

De meu batel á quilha,
A luz amarellenta
Qu'ella derrama, — accende-se
E piedosa... e lenta.
Scentelha é a gotta d'agua
Que aos flancos seus rutila...
Cahindo, — é fogo fatuo
Que a se apagar scintilla!

Cavo marulho, cavo
Revôa á viração...
As atalaias rompem-se
Ao pallido clarão
Da lua, que açulando
As ondas lamentosas,
Estrada esses caminhos
De sombras luminosas!

É meu batel veleiro...
Aos horizontes largos!...
Silencio! Os mortos dormem
Nos tumulos amargos!
Mysterio d'outra vida,
Porque meu ser esmagas?...
Rezai na vela, ó ventos!
Gemei ao remo, ó vagas!...

## III

### CÔRO DAS TAGIDES

De paços verdes, esplendidos,
De um leito de per'las finas,
Um talisman nos desperta;
E o fado, que tece as sinas,
Trocou por azas de estrophes
As nossas azas de Ondinas.

Ao nada volve, ao abysmo,
O' golfo que a urna enramas,
Onde o esquecimento aquece
As cinzas d'extinctas chammas!
A morte morre no Tejo,
N'essa mortalha dos Gamas!

De cada estrella ao lampejo
Em claras noites de Maio,
Qual vasta cóta de malhas
Se espelha o Tejo em desmaio...
E a gloria passa revista
A mil espectros de raio.

Ha um prestigio nos astros
Que nos encanta os destinos!
Que ao nosso condão de fadas
Os limbos surjam divinos,
Com seus campos de esperanças,
Com seus muros peregrinos!

## IV

### OS CAMPOS ELYSIOS

Detem-te, sim, detem-te, imaginar ousado!...
Eis uma flecha d'ouro, — aqui fique amarrado
O meu batel, emquanto esta alma alonga a vista
Á praia que se encurva, ao prado que se avista.

O' musa! A minha sombra
A areia a faiscar, d'espesso véu ensombra...
E tanto mais se estende, e tanto mais se arrasta,
Quanto a muralha cresce e o meu batel se afasta!...

Tão só! Já do crepusc'lo aos toques cambiantes
A murada golfeja a luz dos diamantes,
Que vai bater ao longe... e na maré eterna,

Qual da Vestal na lage a lucida lanterna.
Entremos. Quanta calma! As nuvens azuladas
A deslisar no espaço, aereas, abraçadas...
Saltando, a ave canta em florescente falda,
E vôa da palmeira á cesta de esmeralda,
Ou cedro que balança a coma caprichosa
No ether crystallino, e brando, e côr de rosa.

Das longas avenidas,
Quem o rumo dirá? — lá vão, lá vão perdidas,
A espreitar de manso, — e a susurrar de leve
Ao banho da sereia, — o braço e mãos de neve.
O alvo cysne encolhe a se arrufar de frio
O recurvado collo ao murmurar do rio;
E rasga a espuma e junta os pés que ergue á tôa,
E boia, e canta, e dorme ao fluxo da lagôa.

Porém... que vejo? - Sombras solemnes, magestosas,
Aos versos do poema as cordas sonorosas
Da lyra magoando e os limbos triumphaes,
E a gloria a lhes sagrar os myrtos immortaes!

Eu vi passar tranquilla a multidão immensa:
Á frente o cego Homero, Virgilio, e de Florença
O bardo que de Magra na floresta obscura

Pedira a frei Hilario a paz — doce amargura!
Seguiam, palhetando um radioso traço,
E Milton, Klopstock e Ariosto e Tasso,
Ossian e Sadi; a tragica harmonia,
O Shakspeare; e Voltaire, satanica ironia,
O epico da França; Bazilio e Santa Rita,
O cantor de Lindoya e o de Moema afflicta.
E qual visão que narra o livro dos prophetas,
Eu vi na confusão mais sombras de poetas,
De sabios, cujo nome é symb'lo das conquistas:
Os reis do pensamento e gerações de artistas.

Mas como o sol nascente a avultar nos ares,
Emquanto a meio o encobre o turbilhão dos mares,
Eu vi—n'um lago infindo—em morna atmosphera,
A cup'la colossal de bipartida esphera.

Era um zimborio ingente, um vasto monumento:
Doze portas, e mais frontões e ornamento
Aos pontos cardeaes, e perto e mais distantes
Os epistylos d'ouro aos hombros dos Atlantes.

A reflectir-se n'agua o monumento excelso,
Era o zimborio um globo,— o globo do universo!

Ácima, d'arte antiga em molde o mais severo,
Um templo se mostrava e circular, austero...
De cada columnata á abobada singela
Cahia, até o lago, estrella e mais estrella,
Degráus d'eterna escada ao fulgurante solio
Por onde o genio ascende ao templo-capitolio.

## V

### CÔRO DOS ATLANTES

Meus membros são tétanicos!
E cresce a força, e medra!...
O mundo sobre o dorso!
Gasto um coxim de pedra!...
O peso do universo
Aos bronzeos musc'los meus!
O' pena dos Atlantes!...
O' dôr dos Prometheus!!...

## VI

### TRITÕES E NEREIDAS

(NO LAGO DA IMMORTALIDADE)

Nós somos as Nereidas,
Tritões, filhos do mar.
Por trompas,—temos buzios;
E do profundo lar
As conchas nos guarnecem
As algas do collar.

No mar Egêu nascidas,
Nereidas somos ternas;
Um dia... foi na India,
Que as grutas mais internas
Deixámos, vindo em tropa
Das liquidas cavernas.

Tritões somos, Nereidas,
Gerados n'outro lar;
A prôa lusitana
Aqui nos fez chegar,
Ao lago onde se afoga
O céu, a terra, o mar...

O templo é templo aberto; metópa e columnatas
Das côres são do sol nas aguas das cascatas...
Suspensa era um lyra, — harmonico thesouro,
Á frisa de saphira e com triglyphos d'ouro.

De toda parte eu vi a phalange divina,
Ás luzes imponente, o chão de coralina
Roçar com a veste branca a desatar-se em flores,
Na cithara vibrando um hymno aos vencedores,
E dos heróes á gloria, acções, aos feitos grandes,
Sublimes como a Grecia, eternos como os Andes!...

As sombras no recinto
Penetram, — rescendendo ao nardo e ao jacintho,
E da caçoula accesa a myrrha e o aloés,
De cada estatua ou nicho a fumegar aos pés.

Uma corôa ao tecto de estrellas se engastava,
E a immortal corôa o templo illuminava.

Eu vi, alas formando e d'um e d'outro lado,
Aquella multidão de olhar sempre inspirado;
— Pomposa romaria aos tres sec'los da gloria,

Que ao genio ia levar a palma da victoria.
Aqui, alli, além, os lusos navegantes
O queixo descançando ás ancoras brilhantes...
Vespucio e Magalhães, Colombo, o illustre Gama,
Cabral que tem chegado aos capiteis da fama.
Depois, sobre um altar, e niveo e grave e puro,
Repousava um laurel de lhama e bronze escuro;
E tres velhos do templo, — os magos d'essas aras,
Mais alto o vi erguer que frontes tão preclaras.

Á tripode erigida em face ao sanctuario,
Resguardava a Vestal o fogo do sacrario.

Então, nem mais siquer ouviu-se uma harmonia;
Calou-se a bayadéra, — e a c'rôa reflectia
D'estrellas no lagedo um sulco resplendente,
E um vulto assoma e entra,—*um novo engenho ardente.*

Elle caminha ovante: é mais que um ser humano;
Fechou n'um livro um povo e a alma do oceano!

É bello! É Portugal seu berço idolatrado:
Poeta e cavalleiro, a espada do soldado
Cinge e a cota d'aço a desdobrar-se em malhas,
— A lyra acostumado aos échos das batalhas.

E lá, lá n'esse altar, altar nobre, infinito,
Dos tres sec'los a c'rôa, em centenario rito,
Eu vi cahir-lhe á frente, e aos mysticos clarões:
—« Á gloria do seu tempo, ao IMMORTAL CAMÕES! »

## VII

### CÔRO DOS BARDOS

Subi, subi da lyra, ó fervorosos cantos,
Aos gryphos de porphyro, ao marmor dos acanthos!

## VIII

### CÔRO DAS BAYADÉRAS INDIAS

Bem como o lotus limpido,
Turbando o azul do Ganges,
O' harpa! que a meus dedos
E aos meus acórdes tanges,
Deixa correr ardente
A sacrosanta flamma
Que consagraste a Siva
Nos templos do deus Brahma!

Ao celebrar do genio
O centenario augusto,
Quando tres sec'los hoje
Vêm laurear-lhe o busto,
Que sejam teus cantares
Um hymno soberano
Ao rei das epopéas
Da patria e do oceano!...

# POEMAS DA ESCRAVIDÃO

## Partida de escravos

A cancella da fazenda
Bateu, e tres cavalleiros
Entraram. Após, na senda,
Ponta de escravos. Certeiros,
Sem que o remorso os opprima,
Vão vendel-os serra-acima
Negociantes crueis.
Na fazenda a dôr não cança;
Lá deixam ficar a esp'rança
Os condemnados fieis...
Ao tronco o soffrer não falla:

Na escada, ao azorrague,
Que tem que a vida se apague
Do escravo que a custo a exhala?
Do commercio o lucro é certo:
Os tres de ha muito o deserto
Espantam com alheios ais.
São homens? Sim, são coveiros
A cavallo, cavalleiros,
Arautos dos funeraes
De um povo rude, innocente,
Que nos sublimes amores
Vale mais que esses senhores
Irmãos de José, o crente!
Os escravos são do norte,
Que a secca, a miseria, a morte,
Trouxe ao Rio pela mão.
Que sangrento itinerario!
Serve de téla um sudario
Ao pintor da escravidão!...

Sabeis o que elles passaram?
O que passam nos caminhos
Esses pobres perseguidos,
Esses filhos sem carinhos?
Sabeis que fundas torturas
Esses traidores bandidos
Fazem calar aos açoutes?

Quantas tristes creaturas
No mysterio das florestas
Deixam o corpo insepulto
Ás aves que á noite erram
E grasnam como um insulto?
É medonho! O céu se tolda;
As viraçÕes já não fallam;
Porém, nas sombras, as sombras
D'esses comboios resvalam...
Dos tres cavalleiros vemos,
(Prodigio do pensamento!)
A comitiva: — a loucura,
A fome, a dôr, o lamento.

Seguem elles passo a passo,
E o feitor que os acompanha;
Ao bolso cordas e laço,
Pistola, faca. Tamanha
É a pena imposta ao algoz,
Que têm elles no receio
Expiação mais atroz.
Os negros, sempre adiante,
Quasi nús, marcham; si cançam,
Estala o chicote. Aos gritos,
São como animaes, — avançam!
Conduz a escrava os filhinhos;
E, contra o seio as mãos postas,

Caminha tendo o mais moço
Atado a um panno nas costas.
Leguas e leguas perdidas,
Quasi sem pão e sem tenda,
Percorrem; é-lhes abrigo
A senzala da fazenda
Que o capataz indicou.
É uma estrada maldicta!
Ás vezes, dos arvoredos,
Á amplidão infinita,
A nuvem dos urubús
Desata os vôos pesados:
São escravos suicidas,
São escravos enforcados!
Detona um'arma? É o crime
Que salvaguarda a escolta;
Foi o despertar tremendo
Do que sonhou co'a revolta!
Os castigos, a inclemencia,
A sêde, a fadiga e horrores
Formam degráus execrandos
D'esses torpes mercadores.

Nós que vimos entrar n'essa fazenda
O lote dos captivos,
A scena contemplemos — a vendagem
De corpos semi-vivos.

Chegou o fazendeiro; olhou os negros,
E no ajuste entrou.
P'ra sempre acorrentada — a liberdade
Inda uma vez chorou!

Um colloquio se deu; e, lacrimosa,
Á porta, uma mulher
Implora de joelhos: — « Meu senhor,
Venda a mim, si quizer! »

— « São as crianças lindas.
Vêdes? a escrava é boa;
Vendo-as por qualquer preço,
Vendo-as por cousa a tôa.
Traze teus filhos, negra! »
« Só dois? pergunta um d'elles.
Os outros? É negocio.
Aquelles? sim... aquelles?

Si convier na troca,
Por mim 'stá tudo feito;
Eu fico com os moleques
Que não servem pr'o eito. »
— « Quer a senhora apenas
Que me desfaça d'estes;
Podeis contar, aposto,
Perdi... Vós não perdestes! »

O vendedor de escravos
Em pagal-os se occupa;
Os toma e do cavallo
Suspende-os á garupa.
O' céus! a minha penna
Vacilla e se contrista:
Materno olhar seguio-os...
Que desvairada vista!...

N'um circulo de fogo
Acaso o escorpião
Já viste s'estorcendo
E s'enroscando em vão?
E n'essa luta infrene,
Suprema, enfurecida,
Á si mesmo voltando
O dardo suicida?

Assim a mãe captiva
Se debatia afflicta;
Depois, hirta, perplexa,
De pé, muda, contricta,
Retoma um gesto horrendo...
Enfia as mãos á bocca...
Coitada! A pobre escrava
Tinha ficado louca!...

## Ama de leite.

Vinham bater á porta, vinham pessoas vel-a:
Era preta e retinta; a estatura d'ella
Não era alta; os modos eram gentis, ufanos,
Mostrava apenas ter dezoito a vinte annos.
— « Não foi aqui, pergunta alguem que a pretendia
Que annunciou-se um'ama? — reza o *Jornal* do dia.»
— « É certo, sim senhor; de dentro brada antiga
Matrona, e se levanta. Olá! ó rapariga!
Vem cá na sala, vem. Póde sentar-se. É viva
No serviço da casa. Não é forra, é captiva.

É bom experimental-a; depois, d'ella não mude:
Que certifique o medico, si goza ou não saúde.
Engomma, lava e cose; p'ra tudo ella é geitosa;
Sabe agradar criança, affirmo; é carinhosa,
Como bem poucas ha. Emquanto aos alugueis,
O menos, é barato: são sessenta mil réis. »
— Seu filho? »
A pobre escrava, s'entristecendo toda,
Murmura:
« Meu senhor, meu filho foi pr'a roda. »

## O legado da morta

AO DR. FERREIRA DE ARAUJO

O quarto é sem adorno; em dous caixões
Descançava uma taboa — era o seu leito;
Crispados labios, ancias, orações,
Mortiça lamparina, um Christo ao peito.

Um corpo negro ao cobertor da esteira,
Em sobresaltos lentos se estendia;
Alva caixinha ao pé da cabeceira,
O tactear de um tacto que fugia.

Na varanda por certo alguem chorava...
Um vozear baixinho e leves passos
Faziam reviver da pobre escrava
A luz já quasi extincta aos olhos baços.

A senhora assomou; a vela benta
Aceza prende aos moribundos dedos.
O instante da morte é o da tormenta;
Ha do sepulchro ás margens seus segredos.

— Adeus, minha senhora! — Adeus, Thereza
— Eu morro! eu morro!... — Não, tem fé ainda.
— Dizem que lá no céu não ha tristeza,
Que Deus acolhe o escravo á gloria infinda...

Minha senhora moça? Ella não vinha?
O ar me falta... » E se atirando a um lado:
— Lhe deixo uma lembrança...Era o qu'eu tinha...
Um lenço que bordei p'ra o seu noivado. »

## Os filhos

Elle vendêra a escrava e mais as duas crias;
Uma, depois da lei, só tinha quinze dias.
Estatua do infortunio, a dôr mais cruciante
Que a misera levára ao seio agonisante,
Foi um supplicio atroz; o derradeiro adeus,
Um grito de blasphemia, um desafio aos céus!...

Tres longos annos, sim! de pranto e de martyrios
Ella os curtiu sem tregoas:—ella com seus delirios!
— « Fui mãe, eis o meu crime; a condição o quer:
Não é serviço á escrava o ser tambem mulher?!... »

Assim pensava a triste. O duro captiveiro
Lhe consumira o corpo. Esforço derradeiro
A subscripção lhe fôra: a graça soberana
Da barbara mulher, que n'isso fez-se humana!

« Aqui tens teu papel, o preço está marcado,
Pr'a as crianças... Que a ti eu tenho destinado
Que ficas fôrra. Espera, espera o teu momento,
Por morte de meus netos... Já fiz meu testamento. »

E quando ella sahira, horrenda de máu trato,
Uma criança ao collo, outra sustendo um prato,
Aonde a compaixão errante da cidade
Redime o captiveiro aos pés da caridade,

Ella o encontrára, e elle empalleceu de assombro;
Abaixa-se ao mais velho, os dois erguendo ao hombro,
Com voz já quasi extincta e os olhos já sem brilhos:

« Esmola, meu senhor! p'ra libertar seus filhos. »

## Immigração

— Eis a America esplendida! A liberdade
Deve pujante aqui surgir mais bella;
Dil-o a ave dos céus nos vôos largos,
O rio á viração, o sol á estrella!

Aqui parece dilatar-se o peito
Aos seus effluvios santos e divinos;
A flôr do valle sobra p'ra seus prantos,
O' seus filhos não choram seus destinos!...

Foi assim que Colombo, o navegante,
Inculta a descobrira em sonhos grandes!
E librou-se o condor nos ares livres,
A America subiu, por vêl-o, aos Andes!

Mas as correntes das lianas prendem
Os gigantes da selva entre os fulgores;
É que a selva é convento, os lenhos monges,
A liana é rosario, as contas flores.

Deixei a patria minha; o alvião
É todo o meu thesouro; ao mar profundo
Lancei-me e vim pedir o pão á terra,
Á terra de Cabral, no Novo-Mundo.

Salve, America, salve! O despotismo
Morrera a teu alento mais subtil!
Immigrante, ao trabalho! O trem de ferro
Parte — eu com elle ás matas do Brazil. »

Tocára ao seu destino — a uma fazenda;
O alvião, a enxada o não desdoura;
A canna cresce, os cafezaes enormes,
Na terra promettida da lavoura.

Nem um arado ao campo! As sementeiras
Vingam sem termo ás geiras confundidas;
E tanta gente sem um lar na Europa,
E no Brazil as terras tão despidas!

— Trabalho e patria. » Um morador que o ouvira,
Lhe mostra ao longe um homem na senzala.
— Senhor, sou immigrante, a minha patria
Da tyrannia é pallida vassalla...

— Já sei, espere um pouco. Ao tronco mettam
Este negro que ao eito retardou. »
Outros havia no supplicio, em ferros;
O immigrante, por Deus! se horrorisou.

— Um instante, senhor... São parricidas?
— São meus captivos; povo d'ignavos.
— O' perfidia cruel! Quebre-se o arado,
Se o arado é tronco de prender escravos!...»

Elle exclamou. Ao gesto arrebatado,
Cahiu-lhe a enxada e treme, ergue-a do chão,
E convulso a largou: — era um espelho
A reflectir no aço a escravidão!

# O remorso de Lucas

Á JOAQUIM NABUCO

Lucas vagando a sós no meio dos sertões,
O escravo que arrosta a furia dos baldões,
Fugir quizera á luz, que nem siquer descia
A refulgir-lhe ao dorso. O' elle parecia
Um transfuga infernal, um condemnado eterno!
Seu corpo era a prisão, era seu craneo o inferno,
Onde su'alma — o crime — a se esconder audaz,
Tinha por deus o roubo, a morte e Satanaz.

O' Lucas!... Lucas, foste ao mais infame aggravo
D'aquelle que no berço ao homem chama escravo,
O écho vingador, a encarnação maldicta

Da revólta que cresce e cresce, quando fita
N'um templo sem altar — a liberdade amada,
Sem cirios e sem reza ao chão amortalhada!

Um dia, elle da Feira o tetrico assassino,
Á sua côr dissera: « O meu cruel destino
Assim tão negro é; si me gotteja o pranto,
É como d'uma eça a recamar o manto
As lagrimas de prata. A morte em baixo mora,
A escravidão é morte... e soffre e pena e chora!

Eis a estrada, a senda: alli o viandante
Deve passar. Um vulto, um vulto lá distante
O arvoredo apartou... vejamos! Uma bala
Virá trazer-me a bolsa; o mais o morto cala. »

Elle volvera após; a estrella da manhã
Ia surgindo bella: assim surge louçã
Ao calix do Senhor a hostia consagrada,
Que o sacerdote eleva á multidão prostrada.

Elle volvera após; por entre as covas rasas,
De uma cova que havia, erguendo as leves azas,
Os passaros aos mil a gorgear nos ares

Lá se foram p'r' além. Um mundo de pezares
Dobrára-lhe a cerviz. N'aquella sepultura
O somno glacial trahira a virgem pura.

Quando á forca subiu, perdendo a fé e a calma:

« Os passaros... a cova... a penitencia d'alma. »

## Mãe de criação

Era já velha a misera pretinha;
Tão extremosa como as mães que o são:
Era escrava, porém que amor que tinha
Áquelle a quem foi mãe de criação!

Cuidava tanto delle... Quando o via
Dos estudos chegar, chegar-se á ella,
Parece que a ventura se embebia,
Como um raio de luz, nos seios della.

Seu filho lhe morrera em tenra infancia...
A sorte do captivo é a dos revezes;
Ella o criára, e d'alma n'abundancia
O consagrára filho duas vezes.

Quizeram libertal-a; a liberdade
Tomou como uma offensa e não cedeu;
Depois: — « Minha senhora, é caridade
Não me apartar do filho que me deu. »

Scismava alegre tanta scisma vaga,
Pedia a Deus por elle tanto, tanto,
Que só de crêl-o ausente era aziaga
A hora que o furtava ao seu encanto.

Mas os tempos passaram; tudo acaba;
Nem no sonho feliz o foi siquer!
Ha filhos-reptis que cospem baba,
Lethal veneno a um seio de mulher.

Elle o fizera. Áquella que os vagidos
De seu berço acudiu, ó mães bondosas,
Que velára, acalmando os seus gemidos
De criança, nas noites dolorosas,

Levou-lhe ao rosto a mão de matricida!...
A pobre velha lá mordeu o chão:
— « Com meu sangue de escrava dei-lhe a vida...
Á seus pés, meu senhor... perdão! perdão! »

## Verba testamentaria.

— Senhor. Um meu amigo, amigo que eu lamento,
Morreu; porém deixou por verba em testamento,
Para escravos remir, um capital, um fundo.
Eu venho aqui cumprir o que elle, moribundo,
Pediu-me, instou... Eu sei que vossa senhoria
Tem um escravo idoso. Em termos, eu queria
Resgatal-o. Já vê que nessas condições...
E' velho... o ajudou... São duplas as razões!
Não póde o preço seu subir, ser desmarcado:
Além de que, escravo assim tão dedicado,
É força confessal-o, é mesmo lealdade,

Não sendo sacrificio, — á sua liberdade
Prestar auxilio em tudo...
— Entendo. Então quereis...
— A carta de alforria.
— E quanto me trazeis?
— Um conto.
Na sorpreza de seus cégos enganos:
«Um conto?! É pouco, é, me serve ha quarenta annos.»

# A feiticeira

É noite! É meia noite! A selva brava
Resona ao vento solto na folhagem;
Tudo é paz e descanço; só a escrava
Sente a attracção do abysmo e da voragem!

Um passo, um passo mais, ao prado aberto
Ella pede o veneno, a morte ás flores.
Horror! ser mãe e ver-se n'um deserto!
Viva — orphão seu filho aos seus amores!...

O' que longo penar! Grilhões pesados
Do captiveiro arrasta a vida inteira;
Em torno, a prole vil dos desgraçados;
Pr'a tornal-a feliz — foi feiticeira.

Sim! Na calada das vigilias calmas,
Quando a onça boceja, ao abandono,
Fia ella partir libertas almas
Aos succos acres que produzem somno.

O pastio lá 'stá, valles, barrancos;
Scintilla o orvalho aos hervaçaes maninhos;
Arrea á terra o gado o corpo, os flancos,
Muge e rumina á beira dos caminhos.

Ao candieiro aceso da senzala,
Ergue-se e espreita a solidão infinda;
A feroz crueldade o céu abala
E o odio no seu peito augmenta ainda!

A porta abriu: ninguem seu plano entrava;
Ella sahe: a planicie é vasta e núa;
Escolhe plantas a Medéa escrava,
Banhando o rosto negro á luz da lua.

Raizes e cipós ella os conhece,
As solaneas fataes, a strychnina;
Pé ante pé deslisa,—a grama cresce;
E as sementes espalha na campina.

Nos corregos d'além, nas fontes bellas,
Quem não bebera a morte, o somno eterno?...
Lealdade no ar, lumes d'estrellas,
Ranger de dentes em su'alma-inferno.

Porque tanta vingança?... A feiticeira,
Rindo na barca da escravidão perdida,
Levar quizera á natureza inteira
D'esse vinho que estanca a sede á vida.

Porém, silencio! Eil-a, eil-a que torna...
Uma velha... a infancia... ai! pobresinhas!
Do seio um philtro arranca, ao labio entorna
D'alvorada da dôr — das criancinhas.

Depois, sumiu-se; entrou n'esse aposento
Dos captivos do eito, ó sina horrenda!
Da justiça de Deus o algoz cruento,
— A negra feiticeira da fazenda!

# Ingenuos

A FRANKLIN DORIA

— Senhor, sua fazenda
E' bella realmente!
Sua lavoura é prospera:
Açude, agua corrente,
Moendas e paióes,
Terrenos sem ter conta...
E' mesmo admiravel
A canna que desponta!

— Por esses arredores
Não cuido haver melhor;
A safra deste anno
P'ra outros foi peior.
Das minhas seis fazendas,
(Que o norte chama engenho),
Dou preferencia a esta,
Tenho razão... si tenho!

— Porém, quanto trabalho,
Calcúlo, eu ajuizo!
Depois... e quantos braços,
A gente que é preciso!
— No eito, cem captivos,
Se antecipando ao dia,
Trabalham té seis horas,
Serões sempre á porfia.

Ali 'stão as senzalas
De um lado e d'outro, duas;
São vastas, arejadas,
Occupam duas ruas.
Aquella é a das escravas,
A outra dos homens, creio
Assim não ter incommodo
Com o que me fôr alheio.

— E onde a moradia
Que reserva aos demais?
Quero dizer, os quartos,
As casas dos casaes?
— Com a lei do ventre livre,
Que não nos traz proventos,
Achei desnecessario
Haver mais casamentos.

## A familia

— Partes, Josepha? — Não parto.
— Não partes, Josepha?! — Não.
— Que sorte terás, tu sabes?
— A sorte da escravidão.

— Tu vaes deixar-me? tu deixas-me?
— Não sou casada comtigo?!...
— O' triste escrava! Meus filhos!
Aves do céu sem abrigo!

Hontem á tarde abraçava-te;
Sonhava um sonho fingido;
Hoje, Josepha — a desgraça!
Hoje, Josepha — vendido!

— Nossa Senhora! Vendido!...
Tu zombas, dize, não é?
— Ai! pobre escrava! Aos escravos
Negou Jesus Christo a fé!

Amo-te muito. Os rigores,
Si os supportei, foi por ti;
Não vêr-te, é 'star morto n'alma,
Perdoa, esquece, eu menti.

— Mentiste, sim! Amanhã
O que serei, malfadada,
Quando teus filhos disserem,
Não vendo mais tua enxada:

« Onde meu pai? Foi-se embora? »
O que lhes responderei?...
Chorava a escrava, choravam...
— Responde: « Filhos, não sei! »

---

Era uma praia... Nas pedras,
Da dôr na ancia mais crúa,
Aponta um grupo um cadaver
Boiando aos fogos da lua!

## Escravo fugido

Elle fugira!... Aonde achar abrigo?!...
A serpente, o jaguar a mata infesta;
O' quem não sente aos pés ter um jazigo
A cada ronco ouvido na floresta?...

Aonde pernoitar?!... A noite escura
Envolve a terra, o ar, a estrella, o céu...
Elle caminha em meio da espessura
Como o genio do mal, afouto e réu!...

Noivo da escuridão, de um crime ignoto
A garra sangra no seu peito afflicto:
O' Cham, tu buscas que paiz remoto?...
Escravo, escravo, quem te fez maldicto?!...

Elle tactêa as ramas penduradas
Da brenha, e agita com seus membros lassos;
Piando, as aves fogem-lhe espantadas,
Causa-lhe medo o écho de seus passos.

Eil-a... uma furna, um antro, uma caverna...
— Penetra a escuridão a escuridade!
Affronta ao céu! injuria, injuria eterna
Sentir-se escravo em plena liberdade!...

E que direito a grandes recompensas
Tem quem prendel-o? respondei, senhores!
Procuram-n'o, portanto, homens sem crenças,
Folga a traição a bem dos oppressores.

Povo sem coração, algozes frios,
Almas d'esquife e tum'los branqueados,
Porque abrir os mausoléus sombrios
Que não podem conter mais desgraçados?!...

Qual sua vida? — A sós, a sós, no erro
Disputar com a fera o pasto incerto!
O céu lhe fôra seu lençol d'enterro,
Si a tumba ao menos fosse-lhe o deserto.

A selva que balança a grenha enorme,
O rio, a solidão, o vento, as flores,
Augmentam na su'alma que não dorme
A silente extensão de seus terrores!

A meiga profundez das noites claras
Estreita o circ'lo estreito ao foragido;
Elle não sahe: s'esconde. As balsas raras
Servem de asylo ao pobre perseguido.

Ás vezes, se esgueirando ao antro escuro,
O ferreo braço mergulhado em sombra,
Espia o céu, e vendo o luar puro
Recúa espavorido — a luz o assombra!...

Entanto, alguem o viu. Era ao sol posto.
Os capitães do mato na emboscada
Tiram da faca, e a carabina ao rosto:
— Rende-te ou morres, teu esforço é nada!...

Lutar, lutar, porque? Perto ao naufragio,
Que vai sorvel-o, o nauta, em desalento,
Não lança ao mar, em troca do presagio,
Riquezas, por viver mais um momento?

Assim foi elle! — Á corda torturante
Entrega o pulso, e seguem na avenida:
Era um phantasma do sepulchro errante
Mordendo o leme do batel da vida!...

---

Á fazenda chegou, e meia noite
Batia no terreiro;
O feitor o recebe, o dono, os servos,
No dia derradeiro.

— Que toque o sino, e os negros formem todos,
O fazendeiro falla.
Os negros vêm sahindo, uns após outros,
De dentro da senzala.

— Que se acenda a fogueira, e que o castigo
Comece já, comece!
E a turma cabisbaixa dos captivos
Se confrange e entristece.

E fazem alas, escondendo o pranto,
Os olhos para o chão:
Era o horror da treva pela treva,
Da luz pelo clarão!...

..... ..... .....

O chicote dardeja; o sangue jorra;
Imprecações... lamentos...
Não era mais um corpo — era uma chaga
E rotos ligamentos!...

Ao desvario extremo o olhar do escravo
Nas orbitas fulgura,
Bem como d'agua clara a onda mansa
N'uma cysterna escura!

No estertor d'agonia, a morte, ao menos,
Occulta os seus punhaes;
Estala o açoute, estala; mas as dôres
Já não lhe dóem mais.

Deixára de soffrer! — Quando su'alma
Despiu humanos véus,
Foi abraçar a aurora que descia
Lá dos degráus dos céus!...

## Cantiga do eito

O' sol, que lá tão longe
Levas os raios teus;
O' sol, não enxugaste
Todos os prantos meus!

Cede-me o corpo á força
Do trabalhado dia;
Depois, vem o serão,
Começa outra agonia.

Eu rego com meu pranto
O pé dos cafezaes;
Seus fructos são de sangue,
Trazem da dôr signaes.

O' terra, ó mãe querida,
Teu filho eu sou tambem;
Abre-me o seio, ó terra!
O' morte, ó morte, vem!

Demanda a ave o ninho,
O mato é todo em flores;
P'ra mim não fez-se o somno,
Só traz a noite horrores.

A safra ri-se á enxada
Com que chorando eu cavo;
Ao cego fez-se o aroma,
Não fez-se o fructo ao escravo.

O' terra, ó mãe querida,
Teu filho eu sou tambem;
Abre-me o seio, ó terra!
O' morte, ó morte, vem!

## A reza

D'Ave Maria o toque extremo o sino exhala;
Os negros vêm do eito em busca da senzala.
É a hora em que scismando á sombra dos palmares
Sente o infeliz escravo saudades de seus lares;
E cruza o braço ao cabo da trabalhosa enxada,
E ao céu que o viu partir, envia uma toada:

— O' terras encantadas da Africa maldicta,
Onde o leão rugindo a juba fulva agita!
Não mais verei teus campos, teu areial extenso,
Onde a serpente enorme, o nosso deus immenso,
No oasis, rastejando, ás outras se entrelaça,
Qual carinhosa mãe que os filhos seus abraça!...

O' andorinhas meigas que rente a mim voaes,
Dizei-me si passastes nas tendas de meus paes!
Si acaso vós viestes por elles enviadas,
Como as folhas que levam dos ventos as lufadas,
Para nas azas bellas me transportar um dia
A alma angustiada á terra onde eu sorria!... —

Ave Maria! É a hora da calma e da paixão!
A campa da fazenda chamando á oração,
Os negros se ajoelham ás vozes do feitor,
No Christo ensanguentado contemplam sua dôr!

Crianças de faces d'ébano, homens da côr da noite,
Soffrendo ainda as torturas do deshumano açoite,
Cantam canções de fé e d'esperança e graça,
— Gottas de mel que adoçam o calix da desgraça!

Deserto é o paiol, o orvalho cahe nas flores,
Do rio em espiraes elevam-se os vapores;
No rancho das estradas crepitam as coivaras,
E a *caipora* salta sobre um giráu de varas...
É a hora em que a lenda, na solidão que enleva,
Cahe dos braços da noite, para brilhar na treva.

Ave Maria excelsa! A ti voando a prece,
Que sob um véu de pranto scintilla e resplandece,
Volve os olhares meigos ao escravo que te implora,
Funde as algemas frias de tanta dôr que chora!

# Nos limbos

ELEGIA

De quel coté que vous tourniez vos regards, vous ne trouverez ici, ni consolation ni soulagement.

WILBERFORCE.

O' Christo, meu Senhor! nos limbos dois mil annos
Eu tenho te evocado, ó luz, ó claridade,
O' Christo, meu Jesus, assombro dos tyrannos!

E quando, quando, ó Deus! a voz da liberdade
Á mim que sou captivo, ó Redemptor, remindo,
Irá soar no templo augusto, o da verdade?

Vivia em meu deserto inhospito, mas lindo;
Arêas e chacaes, as guerras e o sirôco,
Tudo soffri, venci, resignado e rindo.

E qual meu crime? Eu gemo e tenho o peito rouco;
Passou Tyro e Carthago, o tempo abate imperios,
E resta a escravidão, — tal sobrevive o louco

Á morte da razão, a excogitar mysterios!
Não descobres, Jesus, do throno teu d'estrellas,
Que assenta luminoso em páramos sidereos,

Um corpo negro, horrendo, aos gritos das procellas,
Em nave que balança os camarins de ferro,
— Galé preso á corrente aos furacões nas velas?!...

O chicote estalar no fluctuante encerro
Á dansa no convez immundo do negreiro,
Depois, a nostalgia o mar ter por enterro?!...

Era eu, meu Senhor! Existo — o captiveiro;
É minha próle immensa, ó Christo sempiterno,
Que nunca e nunca exhala o alento derradeiro.

Purificado estou! De teu carnal inferno
Redime os filhos meus, applaca os teus rigores,
Ou nos teus braços dá-me o meu sepulchro eterno.

Foi-te incompleta a obra; erguido aos esplendores,
Deixaste á irrisão mais corpos de captivos
Que trevas tem a noite e meigos céus fulgores.

Nos livros do Evangelho, aos sete sellos vivos,
Escuto o écho em vão dizer que é livre o escravo,
Esse phantasma humilde aos olhos teus altivos.

Nas mãos recolho o pranto e teu caminho lavo...
D'aqui, do limbo, espreito a nuvem que se avança,
Que tem no centro o raio e que despede o aggravo.

Vejo occultar-te a Fé seu calix; á Esperança
A ancora perder-se; a Caridade os filhos
Chorando abandonar. Senhor, basta! não cança

De teu pai o furor?

De loiros supercilios,
Outra visão de luz adeja e transparece,
Ensanguentada e langue aos mais serenos brilhos:

— A oração da tarde; o eito orando; a prece
Que lá chegára a Deus, aos vôos mais velozes
Que o passaro que sóbe, e sóbe, e desparece!

# Ave, Cesar!

Senhor!

Quando a Colombo, o nauta genovez,
Mandára um palmejar de vagas ao convez
O eterno oceano, o ralhador profundo,
O coveiro que espera os funeraes do mundo,
Que sublime sonhar, o despertar um cantico!
Sobre uma lyra — o tempo — o menestrel Atlantico
Vibrára um hymno : a senha á mais remota idade;
E retiniu-lhe a voz té onde a tempestade
Sacode a rebramir seus caldeirões de espumas,
Qual ave que a voar cahir deixasse as plumas!...
Sonhára elle, Senhor, Adamastor asperrimo,

Não de escravos um lar, mas um paiz liberrimo!
Senão, fôra-lhe a nave aos ventos derradeiros
A eça d'um finado, estrellas os tocheiros,
E elle, face ao céu, em meio a immensidade,
Um morto em seu esquife... a noite...eternidade...
Porém não foi assim; não foi, Senhor, é certo:
Elle aportára a plagas d'esplendido deserto.
A Providencia, Deus, que as leis nunca revoga,
A America mandou, selvagem na piroga,
Dizer: «Colombo, vem! não vês minhas florestas?
A liberdade aqui celebra as grandes festas! »
Da mata secular, escura e soberana,
Um rio rasga o seio, e jorra, e s'espadana...
O condor colossal, leviathan dos ares,
Recorta e pass'ros mil afogueados lares,
Ao lampejar do sol, que no occidente em brazas
Transforma em porcellana aéreas, niveas azas!
A serpente hibernal ás mais ardentes zonas,
No estupor do somno, enrosca-se; o Amazonas,
O caudal S. Francisco, o Paraná gigante,
Do incola conduz o passo vacillante;
Eleva-se a montanha ao horizonte puro,
É qual dedo de Deus no livro do futuro!...

Sorriram-se Colombo e America á victoria,
— Á força d'esplendor, dois sóes toldando a gloria!

Mas veiu a tyrannia, a ambição; seu solio
Conquista o Europeu, conquista um povo-espolio!
Era o altar balcão, o Christo era um mysterio,
O frade traz captivo o indio ao presbyterio...
Era o evangelho o anzol á catechese aos bravos;
O pescador da fé, um pescador d'escravos!...

Um facho se ateiára — assombra o sul e o norte:
No livido corcel devasta a selva a morte.

Da hecatombe enorme as tribus espantadas,
A fronte entre o joelho, as pernas abraçadas,
Nos penetraes da mata, em lugubre retreta,
Fugiam da missão á perfida sineta.

Do frade e do colono aos campos sem renovos,
O negro appareceu; o sangue d'esses povos
Correu então. Além, nos mares do Cruzeiro,
As velas d'um navio, o brigue do negreiro;
Um corpo que mergulha, o grito, o horror, a magua...
Á pôpa o tubarão suspenso ao lume d'agua.

E veiu a febre, a peste, e veiu a insurreição:
O Quilombo é muralha, e poste, e redempção!
A Africa soluça; escrava, louca, errante,
Procura no martyrio as treguas do levante.

Do levante, Senhor! revolta inconsciente,
Que quebra ao captiveiro o peso da corrente;
Sabeis, vós o sabeis que rude estrada trilha
O homem sem ter patria, o homem sem familia;
A pobre mãe que sonha a um meigo desvario
O embalar d'um berço — e o berço achar vasio!

Ao banquete da vida estranho o escravo passa,
Conviva do infortunio, aos urrahs da desgraça!
Aos livres, tanto amor, e flores, risos, cantos,
A elle a cruz, o horto, o calix de seus prantos!
A escrava é mulher, de seu senhor á luta:
A esposa é amante; — a virgem, dissoluta.
A vingança resurge, e traiçoeira, esquiva,
Colloca-se a senhora em frente da captiva.
A moral se corrompe, e sobre o altar do vicio
É sempre o coração quem sangra ao sacrificio!...

O escravo o que é, Senhor? — O ultrage do direito;
É da lei conspurcada o horizonte estreito;
É carcer da razão: que tormentoso inferno!
É Christo e Prometheu no seu supplicio eterno!...

Porém, basta! que vejo? — Alcova mortuaria...
Se apressa a multidão revolta, tumultuaria,
O sino dobra, é dobre a preces de agonia...

Entanto, quanto hosanna e flores e harmonia
Dos céus de minha terra á vastidão sonora!...
D'um leito ao cortinado a luz frouxa d'aurora
Lá começa a bater... Uns cantos festivaes,
E um povo a preparar seus arcos triumphaes!

Uma nuvem se abriu; resplandecente e lindo
Vejo um anjo baixar do céu, do espaço infindo,
E junto ao respaldar do leito — a escuridade
Fundir já quasi inteira: « Eu sou a Liberdade;
No passado gemi, penei nas amarguras,
Mas hoje o verbo sou ás gerações futuras! »

E presto a descambar na noite mais profunda,
Saúda a escravidão a Cesar, moribunda!

# NOTAS

## NO CÉU E NA TERRA

A scena passada no céu, isto é, a morte do sol, e a outra na terra — o embalar na rêde o cadaver do innocente filho das selvas — serviu-nos de motivo para narrar a lenda do Guanumby (beija-flôr), a ave do céu, da tradição persa, a que nossos selvagens attribuem a missão de transportar para além das *montanhas azues* as almas das crianças, ao terceiro dia da morte.

## O REMORSO DE LUCAS

Foi Lucas o salteador mais temido de que tem noticia o Brazil. Na Bahia, e especialmente na Feira de Sant'Anna, o seu nome é ainda pronunciado com terror. O facto que originou esta poesia contou-nos quem o conheceu e á pobre victima de sua crueldade.

O escravo assassino, entretanto, tinha um sentimento bom — o da caridade. Com o producto do roubo sustentava elle familias pobres, e soccorria, sem que se soubesse, a um sem numero de necessitados.

Era de uma valentia incrivel, e tornou-se cobarde. Porque?

A sombra d'aquella infeliz o perseguia por toda a parte, e aquelle espirito envergou o cilicio do remorso, segundo sua revelação, que apressou a expiação, na forca, de seus formidaveis crimes.

---

## POEMAS DA ESCRAVIDÃO

Sobre essas poesias, que reimprimimos com o titulo acima, transcreve a *Gazeta de Noticias* em suas editoriaes o seguinte, que, além de ser admiravel pelos lavores de estylo, é uma interpretação fiel do pensamento propagandista que as dictou:

« O distincto critico da *Revista Brazileira*, cuja competencia em questões litterarias é conhecida, escreveu o seguinte sobre os *Cantos da Escravidão*, do illustrado Sr. Dr. Mello Moraes Filho:

« Sahem á luz, em 2.ª edição, no *Boletim* n.º 4 da *Associação central emancipadora*, colligidas sob aquelle titulo, treze producções do referido doutor, sobre o indicado assumpto, as quaes, publicadas pela primeira vez na *Gazeta de Noticias*, têm sido reproduzidas em varias folhas, quer do Norte, quer do Sul do Imperio.

« Nunca um éstro ardeu em mais pura chamma em homenagem a um grande pensamento. O fim do Dr. Mello Moraes Filho, compondo esses versos naturaes, que muitos já sabem de cór e a outros têm servido de modelo para cantos da mesma natureza, não é incitar o escravo á insurreição, tornal-o algoz do senhor, fazel-o conspirador, criminoso, assassino. As harmonias da lyra do Dr. Mello Moraes Filho não são échos de uma tuba de guerra.

Elle não prégа a desordem nas fazendas, a emboscada nos caminhos, o conciliabulo no eito, o veneno e o incendio no lar, o assassinio no lar e nas ruas. O poeta só tem um fim — tornar odiosa a escravidão, despertando a compaixão pelo escravo; e elle desperta aquella, descrevendo a triste condição d'este em versos de variado metro, que parece medirem-se pela variedade dos padecimentos do captivo. Elle fere a corda do affecto dos pais, das mãis, dos filhos, dos irmãos livres e senhores.

« Ha n'estes versos a inspiração da caridade, as saudaveis advertencias de sentimentos nascidos de espectaculos patheticos. Podem elles ser estimados nas pousadas escravas, ser cantados pelos negros na toada dos seus desconsolados serões; mas foram escriptos para ser lidos e meditados no lar livre, afim de gerarem ahi ao principio a repugnancia, depois a compaixão, por ultimo o horror pela escravidão.

« São umas vezes singelos, outros alevantados. A verdade dos traços, a viveza das côres, a realidade dos matizes não afogam os tons ideaes que são, para assim dizermos, a feição dominante nas producções da inspirada musa bahiana.

« Quem lê a *Partida de escravos*, a *Ama de leite*, a *Feiticeira*, os *Filhos*, a *Familia*, *Verba testamentaria*, o *Escravo fugido*, não só reconhece ahi a vida do escravo no Brazil, cuidadosamente observada e habilmente descripta, mas tambem encontra os productos de uma imaginação instruida na escola idealista, cujos segredos conhece como mestre, e põe por obra como cultor fervoroso.

« Força é dizer que nenhum dos nossos poetas ainda dedicou em tão alto gráu o prestigio da sua inspiração á causa do captivo. O Sr. Dr. Mello Moraes Filho inicia

uma escola, abre um caminho, mostra um rumo que póde ser seguido pelos novos poetas. Acompanha o escravo desde a taboa núa em que nasceu, até á cóva sem letreiro, na qual desapparece. Deixa nas nossas lettras o estudo psychologico e descriptivo de uma instituição que está condemnada, e que ha de cessar de todo algum dia entre nós, mas que tem forçosamente um logar importante em nossa historia.

« O trabalho do Dr. Mello Moraes Filho, ainda por este lado, deve reputar-se altamente meritorio. »

---

## OS IMMORTAES

Reimprimindo este pequeno trabalho, publicado pela *Revista Brazileira*, em seu primoroso numero destinado á commemoração do centenario de Camões, é com o mais profundo reconhecimento que agradecemos ao illustrado Sr. Dr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro e ao Sr. Dr. Theophilo Braga, o maior vulto da litteratura hodierna do seu paiz, o thesouro que se chama — *Bibliographia Camoneana* (n.º 267)com que se dignaram de amerciar-nos, joia verdadeiramente real e destinada a representar um patrimonio de familia.

---

Nos *Immortaes*, o verso:

*Uma coroa ao tecto de estrellas se engastava,*

Deve ser lido:

*De estrellas uma c'roa ao tecto se engastava,*

## A MULATA

Si, apezar de não haver muita propriedade, colocámos *A mulata* nos SERTÕES E FLORESTAS, foi por ser uma poesia puramente local e não caber nas outras duas classes, em que destoaria devéras.

É a photographia de um typo que só a Bahia possue, mas que todo o Brazil conhece.

---

A primeira edição de uma obra equivale geralmente a uma segunda prova: é rara a que não traz defeitos.

Senões e falta de completa uniformidade escaparam á revisão desta, para os quaes contamos com a illustração benevolente da critica.

---

Concluindo os *Cantos do Equador*, é com a mais viva sympathia que apertamos a mão do Sr. Paulo Leuzinger, pelos seus bons cuidados e pela maneira altamente artistica por que desempenhou esse trabalho confiado a seu cargo.

Que esta publicação faz honra á arte typographica no Brazil, é incontestavel.

Á elle, portanto, o maior quinhão de glorias que disso possa resultar.

# INDICE

## SERTÕES E FLORESTAS


Ponte de lianas ..... 7
A sucuruiuba ..... 11
No pouso ..... 15
As Uyáras ..... 19
Boas-noites ..... 23
Bem-te-vi ..... 25
A Caipora ..... 27
Tarde tropical ..... 29

Tumulo selvagem..... 33
Trovador do sertão..... 35
O sangue do jaguar..... 39
A tabarôa..... 43
A sereia do Jaburú..... 47
A mulata..... 51
Alma penada..... 59
Floresta submergida..... 63
No céu e na terra..... 65

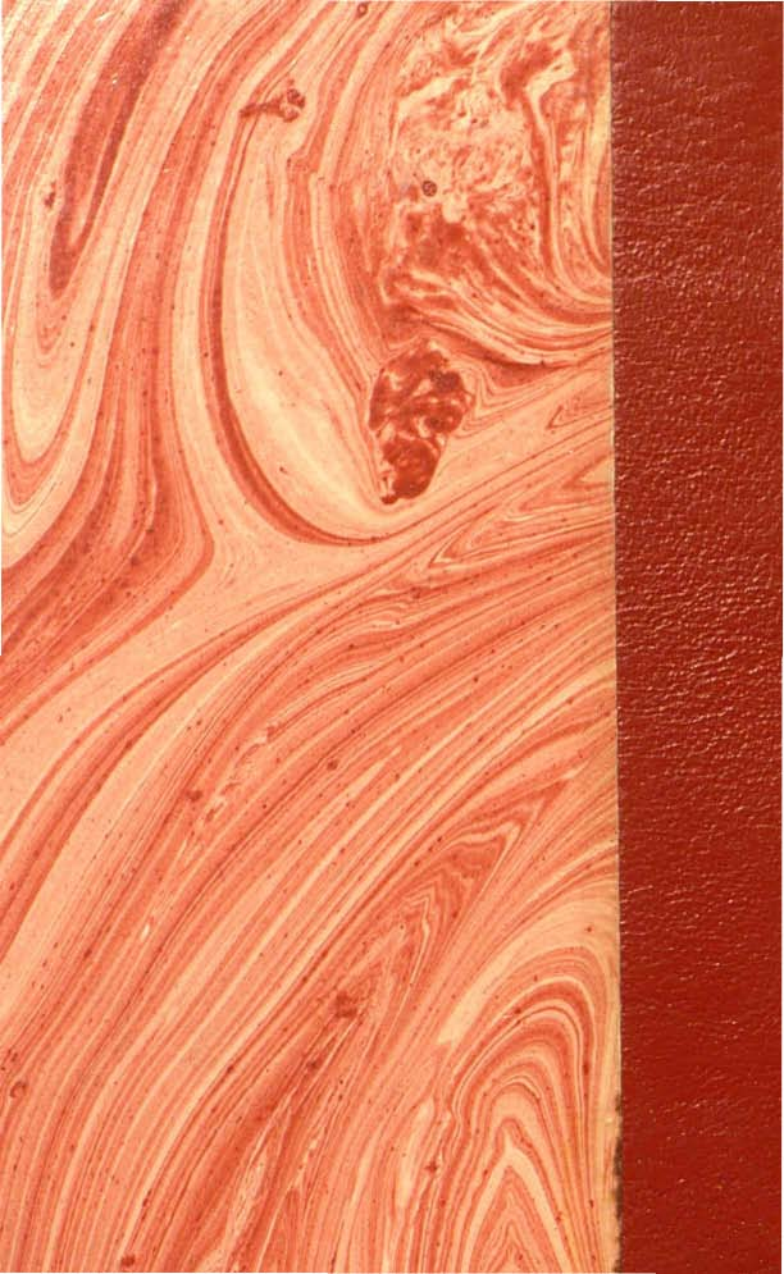
## NOCTURNOS E PHANTASIAS

As horas..... 73
No divan..... 79
A barca do Dante..... 81
Saudação dos mortos..... 85
Os Immortaes..... 89

## POEMAS DA ESCRAVIDÃO

Partida de escravos..... 105
Ama de leite..... 111
O legado da morta..... 113
Os filhos..... 115
Immigração..... 117
O remorso de Lucas..... 121
Mãe de criação..... 125
Verba testamentaria..... 127
A feiticeira..... 129
Ingenuos..... 133

A FAMILIA ..... 135
ESCRAVO FUGIDO ..... 137
CANTIGA DO EITO ..... 143
A REZA ..... 145
NOS LIMBOS ..... 149
AVE, CESAR ..... 153
NOTAS ..... 159

JF 135

43/C-56